

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF

**EXISTIR NO TRÁFICO: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DOS
JOVENS TRAFICANTES DE DROGAS DA FAVELA BALEEIRA**

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
NOVEMBRO DE 2010

**Existir no Tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de
drogas da favela Baleeira**

SUELLEN ANDRÉ DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Wania Amélia Belchior Mesquita

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
NOVEMBRO DE 2010

Existir no Tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de drogas da favela Baleeira

SUELLEN ANDRÉ DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito para a obtenção do título de mestre.

Aprovada em: 09 de novembro de 2010.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Wania Amélia Belchior Mesquita (Orientadora) – UENF

Prof^o Dr^o Luiz Antônio Machado da Silva – UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Regina Cecchetto – FIOCRUZ

Prof^a Dr^a Lana Lage da Gama Lima – UENF

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ser supremo, amigo de todas as horas que nunca permitiu que eu fraquejasse, me deu forças sobrenaturais para suportar todas as madrugadas de trabalho e sessões de revisão. Em segundo lugar ao meu amor Daniel, pela dedicação, carinho, amizade e paciência em todos os momentos de realização deste árduo trabalho.

Agradeço a minha amiga mãe e meu querido irmão. À Julinha, sobrinha-afilhada tão amada, que alegrou meus dias com suas gargalhadas. Ao meu velhinho, avô querido, além das tias, primos, sobrinhos, família...grande família.

As minhas queridas amigas Flavia Mendes e Juliana Barreto pela parceria e companheirismo incondicional. Além delas, as outras “vaconildas” Fernanda, Clarissa, Mariana, Monique e Renata.

Aos amigos do curso Angellyne, Ana Paula, Sana, Marcão, Américo, Arthur, João, Carol, Felipe, Gustavo, Rodrigo, George, Heloisa e Nilo. Agradeço em especial à Heloisa, pela sabedoria e amizade incondicional, pelo socorro nos momentos de desespero e pelas experiências compartilhadas.

As amigas deste grupo de pesquisa, Natália, Naiana e Vanessa, pela parceria nos trabalhos, congressos e relatórios. Aos amigos da pesquisa sobre administração de conflitos de gênero, Luana, Fernando, Gisele, Victor, Mariana, Júlia, Bernardo e Leonardo, pela companhia no desenvolvimento deste trabalho tão prazeroso e de tanto sucesso, que muito contribuiu também para a elaboração desta dissertação.

À professora Vania Morales Sierra, agradeço pelas brilhantes idéias propostas para este trabalho, ao incentivo e empolgação dedicada a minha temática e pelo tempo despendido à leitura da minha produção.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Wania Mesquita, que, desde a graduação, têm dedicado seu tempo a este projeto, contribuindo para o meu crescimento profissional.

Com todo carinho, agradeço a banca avaliadora deste trabalho pelo tempo dedicado a leitura e pelas valiosas considerações. Escrevi todas as linhas com o desejo de que estivessem a altura da leitura destes grandes mestres. Ao Prof^o Dr^o Luis Antônio Machado da Silva, à Prof^a Dr^a Lana Lage da Gama Lima e a Prof^a Dr^a Fátima Cecchetto, meus sinceros agradecimentos!

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, e a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

E, de forma muito especial, encerro esta página agradecendo a minha grande amiga Lana Lage, a maior responsável pelo meu êxito acadêmico nestes três últimos anos. Obrigada por apostar em mim e me conceder a honra de sua amizade.

Seja bem-vindo
ao meu mundo sinistro,
saiba como entrar
Droga, revólver, polícia, cachaça
saiba como evitar
Se não acredita no que eu falo
Então vem aqui pra ver
...
A sua vida na favela não vale de nada
...
E quando a polícia chega,
todo mundo fica com medo
A descrição do marginal é favelado, pobre, preto!
...
Está faltando criança dentro da escola,
Estão na vida do crime, o caderno é uma pistola
Garota de 12 anos esperando a dona cegonha
Moleque de 9 anos experimentando maconha.
Bala perdida, falta de emprego, moradia precária
...
Se você tiver coragem vem aqui pra ver
(MV Bill – Traficando Informação)

RESUMO

Este trabalho versa sobre as percepções e vivências de jovens traficantes de drogas moradores da Baleeira, favela localizada na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ. A partir de um estudo etnográfico realizado nos anos de 2008 a 2010, busca-se compreender suas sociabilidades, meios de vida e formas de acesso e circulações na cidade onde residem.

ABSTRACT

This paper describes the perceptions and experiences of young drug dealers residents of Baleeira, a slum located in the city of Campos dos Goytacazes - RJ. From an ethnographic study realized in the years 2008 to 2010, that sought to understand their sociability, livelihood and means of access and circulation in the city where they reside.

Lista de Figuras

Figura 1 - Rua Bento Farias Paes.....	18
Figura 2 - Cemitério.....	19
Figura 3 - Igreja Assembléia de Deus.....	21
Figura 4 - Quadrilha Maluca.....	22
Figura 5 - Objetos de Trabalho das Lavadeiras.....	23
Figura 6 - Roupas nos Varais.....	23
Figura 7 - Posto da Polícia Militar.....	24

SUMÁRIO

Introdução.....	10
I – A favela Baleeira e suas dinâmicas sócio-espaciais.....	17
II – Jovens traficantes e sociabilidade na favela Baleeira.....	26
2.1 – O tráfico de drogas e as relações sociais na favela.....	31
2.2 – Os “meninos”, as “minas”, os “caras” e “o alemão”: relações de aliança e oposição.....	52
III – Os jovens traficantes e o espaço urbano da cidade.....	67
Considerações Finais.....	76
Referências Bibliográficas.....	79
Anexos.....	85

Introdução

Quando me propus a estudar a sociabilidade dos jovens traficantes de drogas moradores de favela em seus territórios de moradia na cidade de Campos dos Goytacazes¹, considerei necessário o entendimento de aspectos relativos às configurações destes territórios e, de maneira mais específica, as formas pelas quais a favela se constitui como problema social e como problema sociológico. Neste sentido, faz-se necessário questionar a percepção da favela como resultado da irregularidade da ocupação do espaço urbano, da pobreza e das ilegalidades relacionadas à violência e ao tráfico de drogas.

Pensar a favela nos remete a um termo polissêmico, relacionado a uma realidade plural e multifacetada. A polissemia do termo favela expressa muito mais do que as categorias utilizadas pelo IBGE² e relaciona-se à diversidade presente neste território da cidade a partir de sua realidade física, social e espacial. Não há homogeneidade, nem especificidade, mas sim uma grande heterogeneidade entre elas e até mesmo dentro delas (VALLADARES, 2005). Neste trabalho procurei focalizar a categoria favela a partir de uma definição empírica produzida pelos seus próprios moradores, principalmente os jovens que atuam na “*atividade*”³ do tráfico de drogas. Assim, busquei investigar as percepções dos jovens que atuam no tráfico sobre os espaços onde vivem.

¹ A região onde está situado o município de Campos era habitada por índios Goitacás, Guarulhos e Puris. Sua colonização foi iniciada por Miguel Aires Maldonado, na primeira metade do século XVII. Primeiramente desenvolveu-se a atividade pecuária, seguida pela atividade açucareira, que se consolidou a partir do século XVIII, em grandes latifúndios e em pequenas propriedades, expandindo-se, no século XIX, inicialmente nos engenhos e, mais tarde, em usinas. Através desta atividade adquiriu grande importância nacional no século XIX, influenciando enormemente na política e no poder do Império. Foi elevada à Cidade em 1835. Em 1974, foi descoberto amplo lençol petrolífero no campo de Garoupa, na plataforma continental da Bacia de Campos, o que contribuiu significativamente, com pagamento de royalties, para a receita municipal. De acordo com estimativas do IBGE, o município possuía 434.008 mil habitantes em 2009, distribuídos numa área de 4.032 km². Em divisão territorial de 1991, que permanece até os dias atuais, o município é constituído por 14 distritos. (IBGE, 2010).

² Para definir a favela, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) leva em consideração três fatores: 1) edificação em terreno invadido; 2) construção rústica e simples; 3) morador não apresenta termo de posse do domicílio ou em sua maioria não possui saneamento básico (IBGE, 2000).

³ A “*atividade*” na favela Baleeira corresponde ao trabalho de venda de drogas na “*boca de fumo*”.

A escolha da favela Baleeira⁴, dentre as 32 da cidade de Campos dos Goytacazes – RJ, contabilizadas no último censo demográfico (IBGE, 2000)⁵ e, ao mesmo tempo, a forma de trabalhar esta no contexto da pesquisa de mestrado decorre da minha aproximação com o objeto de pesquisa ao longo dos últimos anos. Num primeiro plano, a experiência vivida como moradora desta favela e as relações estabelecidas com os moradores do local no período em que cursava a graduação em Ciências Sociais foram de extrema relevância para a realização de tal escolha.

Com o objetivo de identificar as especificidades da socialização dos jovens moradores da favela Baleeira que desenvolvem atividades ligadas ao tráfico de drogas local, suas percepções e vivências neste território, procurei compreender o significado de ser jovem para eles, e as formas de acesso e circulação na cidade de Campos dos Goytacazes. Para tal, realizei um trabalho etnográfico durante os anos de 2008 e 2010. Iniciei o trabalho de campo a partir de alguns contatos com moradores da favela, que conheci em 2005, quando fui morar no local, onde permaneci por dois anos. Por causa da separação de meus pais, eu, minha mãe e meu irmão procurávamos casas minimamente confortáveis com aluguéis de baixo preço, e a que melhor correspondia as nossas expectativas foi esta na favela⁶, de onde nos mudamos para morar com meu avô, sem pagar aluguel. Diante disto, consideramos que morar nesta favela seria viável devido às condições da residência e ao conhecimento do território. O bairro em que morávamos anteriormente, chamado Coroa, participava do circuito de atividades ligadas à rede do tráfico de drogas da favela Baleeira. Outro aspecto que contribuiu para minha

⁴ A favela Baleeira está povoada desde 1948, num terreno completamente plano, como a maior parte da cidade de Campos dos Goytacazes, e localiza-se no perímetro urbano entre os bairros Caju e Parque Leopoldina (GUIMARÃES, 2005).

⁵ Em 1980 Campos dos Goytacazes possuía 13 favelas. O censo demográfico de 1991 revelou o surgimento de 19 novas favelas no município, o que elevou o índice geral para 32, onde residem 16.876 pessoas, demonstrando que a saída dos trabalhadores dos domicílios localizados nas fazendas e a crise no setor agroindustrial açucareiro em fins da década de 80 influenciaram significativamente a formação e crescimento das favelas na cidade. Nos censos posteriores (1996 e 2000) este número se manteve, destacando-se somente o crescimento do número de domicílios e não mais a criação de novas favelas (PESSANHA, 2001).

⁶ A casa escolhida possuía três quartos, sala de jantar, sala de estar, cozinha, área de serviço, banheiro e um grande quintal. Todos os cômodos eram amplos a casa ocupava um terreno de 12mx22m. O aluguel pago era de R\$300,00.

aproximação com esta realidade foi o fato de minha avó ter sido cozinheira de uma das escolas estaduais freqüentada pelos moradores da favela.

Na Baleeira, morávamos na rua onde localizava-se a “*boca de fumo*”⁷, que permanece lá até hoje. Meu irmão foi quem me chamou atenção para a dinâmica da venda de drogas naquele local, que o definia como “a boca”. Até então, não percebia nada de diferente a não ser a concentração de alguns jovens na esquina. Nenhum deles expunha as armas, a negociação era discreta, portanto, era necessária uma observação mais atenta para identificar o comércio e a presença de não moradores da favela freqüentando a “*boca*”. No local, o movimento era constante, a maioria dos jovens precisava chegar a pé para comprar a droga, pois as principais vias de acesso estavam interditadas pelos traficantes.

Um acontecimento me alertou acerca do contexto em que estava inserida. Em 2006, eu ainda morava lá quando o “*gerente geral*”⁸ da “*boca*” foi assassinado com quatro tiros em um bairro próximo à favela, onde participava de uma festa infantil. Em frente a minha casa morava seu irmão. Ambos eram irmãos do “*chefe*”⁹ da favela. A morte do gerente provocou a suspensão das “*atividades do tráfico*” e o deslocamento da maioria dos moradores, que, inclusive, por proximidade ou parentesco compareceram ao cemitério do Caju, situado ao lado da favela, para o sepultamento. Naquele dia, a favela ficou de luto. Na casa do meu vizinho, havia grande movimentação. Somente ele poderia resolver os trâmites burocráticos do sepultamento, pois todos os outros irmãos do traficante morto, também eram traficantes e por isso não poderiam agilizar qualquer tipo de documentação nas devidas instituições, já que não podiam ir aos bairros onde estavam localizadas. Devido ao falecimento, outro irmão assumiu a “*gerência da boca*”.

⁷ Ponto de venda de drogas.

⁸ Homem responsável pelo fluxo e distribuição das drogas. Nesta favela existe um responsável pela maconha, outro pela cocaína e outro ainda pelos homens que trabalham na venda, sendo este considerado o geral.

⁹ Homem que compra a droga e determina a distribuição. É o “*dono*” da favela, o “*cabeça*” do comércio ilícito de drogas.

No final de 2007, período da realização da monografia de conclusão da graduação, quando já havia me mudado do local, estive com o novo gerente em sua casa, para realizar uma entrevista com seu sobrinho, um jovem filho do “*chefe*” da favela. Este chefe se encontrava preso em uma unidade de detenção na cidade do Rio de Janeiro, acusado de ser o mandante do assassinato de um policial militar. O gerente me cumprimentou e subiu as escadas em direção ao quarto para descansar, pois havia passado a noite na “*atividade*”. Quando retornei ao campo, este homem já estava preso, e outro havia assumido a “*gerência geral*”.

Em 2009, por ocasião do início desta pesquisa de mestrado, tomei conhecimento de que o irmão não traficante, que era meu vizinho, havia falecido vítima de um infarto aos 35 anos. O dinheiro para o sustento da família vinha da fabricação e venda de cofrinhos de gesso (porquinhos), e sua mulher e duas filhas ficaram completamente desassistidas. Atualmente vivem de doações de pessoas próximas (não traficantes) e das faxinas que a mãe consegue realizar em algumas casas de família.

Com vista à realização de entrevistas com os jovens moradores da favela Baleeira ligados ao tráfico de drogas, procurei retomar os contatos com os dois jovens entrevistados em 2007, Diego e Tiago. Ao retornar ao local, um destes jovens que ainda continuava no tráfico, se recusou a me conceder uma nova entrevista com o argumento de que já havia contado tudo que podia. O outro rapaz, já havia tido um filho com uma moça, moradora de uma favela vizinha. Nesta época, ele morava com ela e trabalhava como ajudante de pedreiro. Antes de ir morar com ela, este jovem sofreu um castigo dos traficantes da Baleeira, ficando três meses confinado na casa de sua mãe, por ter se envolvido com a mulher de um dos “*gerentes*”. Ao reencontrá-lo tive a chance de retomar algumas questões ainda não exploradas na ocasião da pesquisa em 2007. Todavia, nenhum destes rapazes me facilitou o acesso a outros jovens ligados ao tráfico.

Com relação aos moradores, fui muito bem recebida. As crianças que vi nascer e crescer também me cumprimentavam e chamavam para brincar. Por

conhecer algumas famílias, pude estabelecer longas conversas sobre as mudanças ocorridas em suas vidas. Em alguns casos, os familiares me falaram muito mais sobre a vida dos jovens pesquisados, do que eles próprios. Assim foram os casos da filha do “*chefe*” que falou sobre o seu irmão e a mãe do outro jovem entrevistado.

A partir de então iniciei uma incursão em busca de novos jovens para a realização desta pesquisa. Em alguns momentos, tive que me afastar da favela devido às circunstâncias em que se encontravam o local. Às vezes, a polícia realizava operações, apreendendo drogas, armas, prendendo traficantes, e isso dificultava o contato com os jovens, que evitavam dar entrevistas, ainda que não gravadas, pois achavam que havia alguém delatando o “*trabalho*” deles.

Neste contexto, sempre que possível, circulava pelas ruas e becos da favela, visitava as famílias, conversava e entrevistava alguns jovens. Para conseguir as entrevistas, me apresentei ao atual “gerente” do tráfico de drogas. Falei das minhas intenções com a pesquisa e lhe pedi a concessão de uma entrevista ou a indicação de outro traficante. Ele não me concedeu a entrevista, alegando que não falava de sua vida para ninguém, mas me apresentou a outro jovem, com quem realizei uma entrevista aprofundada. Com a indicação do gerente, este foi bastante receptivo, pois me concedeu a entrevista e ainda deu dicas de como agir com outros jovens com relação à pesquisa. Disse-me que não deveria comentar com os entrevistados e demais moradores sobre as informações obtidas pelas entrevistas realizadas. Ainda que tenha insistido em realizar mais entrevistas, fiquei restrita a mais duas, totalizando três novas entrevistas, além da que realizei com o jovem que conheci no momento da monografia.

As dificuldades aumentavam no decorrer da pesquisa. O tempo de realização do trabalho era muito curto, pois só encontrava os jovens na rua na parte da tarde, quando estes estavam trabalhando na “*boca*”. As “*atividades do tráfico*”, pela manhã, na favela, eram menos intensas. Tive muita dificuldade de identificar a presença de jovens trabalhando na “*boca*”. Durante o campo,

permanecia na favela até aproximadamente 18 horas, pois a noite na favela, com as ruas escuras¹⁰, podia sentir a tensão entre os jovens que se intensificava devido à baixa visibilidade.

Ao final do tempo previsto para a conclusão do trabalho de campo, tive que interromper as atividades devido ao iminente perigo de ser considerada a delatora. Este risco me foi passado por um dos jovens entrevistados no último dia em que fui à favela. Ele pediu que eu não freqüentasse mais o local por um tempo porque a situação estava “*muito complicada*” e eu “*corria um grande risco indo lá*”. Disse isso um dia depois que foi noticiado nos jornais¹¹ da cidade que um jovem havia sido libertado de um cativado na favela vizinha, onde havia sido preso pelos traficantes da Baleeira, que desconfiavam dele por ser um estranho na favela e daí ter sido considerado “X9”¹². Ele ia ser assassinado quando a polícia chegou e o libertou. De acordo com a notícia, a ação policial decorreu de uma denúncia anônima, o que contribuiu para aumentar a desconfiança. Nesta época, a polícia estava conseguindo várias informações, fazendo muitas apreensões na favela. O rapaz me advertiu que eu corria risco de ser apontada pelo tráfico como delatora. Mediante as implicações de continuidade de ida a favela, eu e minha orientadora consideramos a finalização do trabalho de campo.

Ao longo desses anos de pesquisa, paulatinamente fui aprendendo a desenvolver algumas habilidades no campo. Em decorrência da especificidade do local, por ser um espaço de “*sociabilidade violenta*”¹³, aprendi também que, como mulher, deveria tomar cuidados para que as namoradas e esposas dos jovens pesquisados não atribuíssem outros sentidos para além da minha

¹⁰ Todas as lâmpadas dos postes de iluminação pública do local são quebradas pelos traficantes para atrapalhar a ação policial, que, segundo relatos dos jovens, ocorre com mais freqüência durante a noite.

¹¹ A notícia foi publicada no seguinte site: <http://www.odiarionews.net/wordpress/policia/policia-impede-execucao-na-ilha-do-cunha-no-caju/> (último acesso em 22 de julho de 2010). Anexo 4.

¹² Delator; pessoa que passa informações para o inimigo, que pode ser a polícia ou outro grupo de traficantes.

¹³ “... a transformação da força, de meio de obtenção de interesses, no próprio princípio de regulação das relações sociais estabelecidas. (...) O que ‘une’ essas condutas em um complexo organizado de relações sociais é justamente o reconhecimento da resistência material representada pela força de que podem dispor os demais agentes, produzido pela reiteração de demonstrações factuais, e não por acordo, negociação, contrato ou outra referência comum compartilhada.” (MACHADO DA SILVA, 2004b: 39 e 40)

relação como pesquisadora. Além disso, realizei todas as entrevistas em lugares de circulação e sempre procurei não usar roupas que chamassem a atenção para o meu corpo. Com isto acreditava que conseguiria resguardar minha conduta como pesquisadora.

Apesar dos contratemplos e riscos, entendo ser pertinente a realização da pesquisa, a fim de compreender o cotidiano destes jovens na favela e a relação deles com a cidade de Campos dos Goytacazes. Em geral, pesquisas com estes jovens ocorrem em casas de detenção, não sendo, portanto, realizadas ou observadas nas circunstâncias do tráfico na favela. Este diferencial permite apresentar ações em curso, favorecendo uma interpretação das configurações dos territórios e de seus significados atribuídos pelos jovens do tráfico.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro apresento o processo de formação das favelas da cidade e as singularidades da favela Baleeira, alvo desta investigação. No segundo capítulo discorro sobre as vivências dos jovens que trabalham no tráfico de drogas na favela Baleeira. O terceiro capítulo versa sobre a percepção dos jovens acerca da expansão das ações do tráfico de drogas na cidade e suas implicações na sociabilidade dos jovens traficantes da favela Baleeira.

I – A favela Baleeira e suas dinâmicas sócio-espaciais

A origem da ocupação das favelas no Brasil se deu de diferentes formas, resultando ou não de ações planejadas e de apropriações territoriais (VALADARES, 1983). A bibliografia sobre Campos dos Goytacazes focaliza as dinâmicas sócio-econômicas associadas à agroindústria açucareira como elemento importante no processo de surgimento das favelas no espaço urbano. Desde os fins do século XVII a atividade açucareira se destacou como atividade econômica dominante na região¹⁴. Ao longo do século XIX observamos o crescimento da produção açucareira em decorrência da substituição das engenhocas pelos engenhos centrais e usinas, e a expansão das atividades comerciais e de serviços (ALVES, 2007).

A cidade de Campos ocupava uma posição ímpar no mercado por se constituir como o segundo maior produtor de açúcar do Brasil, sendo que a produção destinada majoritariamente ao mercado interno, notadamente a cidade do Rio de Janeiro. Campos caracterizava-se pelo progresso traduzido pelos negócios do açúcar¹⁵. A concentração fundiária foi intensa, grande parte das terras do município se encontrava em mãos dos usineiros. A produção crescia e o lucro era certo. Entretanto, no decorrer dos anos 1920, a produção açucareira campista sofreu a concorrência da produção de Pernambuco e da Bahia no mercado do Rio de Janeiro. A grande quantidade de açúcar oferecida no mercado provocou a queda do preço e uma maior ação especulativa do intermediário, as casas comissárias, que resultou na baixa dos preços e uma crise sem precedente (PRADO, 2002).

Observou-se de forma acentuada a concentração de terras e capital pelas grandes usinas devido à falência de algumas propriedades fornecedoras, o que implicou na expulsão do homem do campo para o centro urbano. Além disso, o processo de modernização e mecanização da agricultura, na década de 1930, veio a se constituir num dos fatores responsáveis pelo fechamento de algumas

¹⁴ No período de 1769 a 1783, a planície Goytacá possuiu 223 engenhos e engenhocas e contou com uma numerosa mão de obra escrava. Em 1835, a Vila de São Salvador se constituiu como cidade passando a ser designar como Campos dos Goytacazes.

¹⁵ No início de 1920, a cidade possuía 20 usinas de médio e grande porte, sendo que as pequenas unidades de produção gradativamente desapareciam absorvidas pelas maiores.

usinas de açúcar (GUIMARÃES & PÓVOA, 2005: 9). A isto se atribui o surgimento das primeiras favelas da cidade, que em 1940 contabilizavam 28 no município. O crescimento foi contínuo resultando hoje em 32 favelas (IBGE, 2000).

Desta forma, os fins da década de 1940/50 marcam o deslocamento dos trabalhadores do campo em direção a cidade. A proporção de pessoas moradoras da área rural no decorrer dos anos de 1950 a 2000 foi gradualmente diminuindo em decorrência da miséria e desemprego resultante do fechamento das usinas, o que contribuiu diretamente para o surgimento e ampliação das favelas, constituídas em áreas periféricas do centro urbano e, em geral, *“...situadas às margens da estrada, espremidas entre o asfalto, a linha férrea e as cercas das fazendas, acompanhando o contorno das vias”* (GUIMARÃES & PÓVOA, 2005: 5). Observa-se, portanto o crescimento e adensamento das favelas em Campos (GUIMARÃES & PÓVOA, 2005).¹⁶



Figura 1 – Rua Bento Farias Paes
Foto: Suellen André de Souza

A ocupação da área onde está localizada a favela Baleeira ocorreu por volta de 1948. Esta localiza-se no perímetro urbano entre os bairros Caju e Parque Leopoldina e possui cerca de 430 moradores e 123 domicílios ocupados¹⁷ (IBGE, 2000). O nome Baleeira

advém de uma planta típica da Mata Atlântica que ocupava a área (GUIMARÃES & PÓVOA, 2005). No entorno da favela se localizam quatro importantes vias de acesso da favela aos outros bairros da cidade e vice-versa: as paralelas verticais, rua Visconde Alvarenga e rua Max de Vasconcelos; e as

¹⁶ Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para 1970, 1980 e 1991 indicam que Campos dos Goytacazes no intervalo de 20 anos alcançou um apogeu ou ciclo urbano que chegou a 89,19% enquanto a população rural sofreu queda de 51,59%. Ou seja, em 1991 a população urbana era de 83,60%, sendo a rural de apenas 16,40% (IBGE, 2000).

¹⁷ Ver tabela - Anexo 1

paralelas horizontais, avenida Alberto Torres e a avenida São Fidélis, que formam um quadrilátero¹⁸. Nestas vias frequentemente são colocadas barreiras de concreto e entulho pelos traficantes, com a finalidade de impedir o acesso da polícia a favela. A principal rua da favela chama-se Conselheiro Tomás Coelho.

Seus primeiros moradores ocuparam uma área urbana próxima à linha de trem¹⁹. Alguns moradores disseram possuir “*recibo de compra e venda*” dos imóveis, que, para eles, implicaria a posse legítima do mesmo. Outros disseram que suas casas e terrenos foram doadas por parentes residentes na favela ou que mudaram para outras localidades. No início da ocupação os moradores enfrentaram muitos problemas devido ao terreno ser alagado e a vegetação difícil de ser retirada (SOUZA, 2007).



Figura 2 – Cemitério
Foto: Suellen André de Souza

contrária a favela, bem próximo da favela vizinha, a Oriente²⁰ (GUIMARÃES & PÓVOA, 2005).

Toda a região possui baixo valor imobiliário, devido à grande proximidade com o Cemitério do Caju, o maior da cidade de Campos dos Goytacazes, que apresenta grande foco de poluição advindo do necrochorume produzido pela decomposição dos corpos, que contamina o lençol freático. O cemitério se localiza na quadra

Como a cidade de Campos está localizada em uma planície, inexistem morros na cidade e as favelas são todas planas, crescendo apenas através de novas construções horizontais ou mesmo verticais. No decorrer da pesquisa

¹⁸ Ver mapa - Anexo 3.

¹⁹ De acordo com relatos dos moradores, esta área foi doada por um fazendeiro à Prefeitura.

²⁰ A favela Oriente possui 535 moradores (IBGE). As duas favelas são separadas por uma linha de trem pouco utilizada atualmente, mas que, segundo relatos dos moradores, já foi responsável pelo escoamento da produção de cana-de-açúcar da cidade de Campos nas décadas de 70 e 80. Disseram ainda que algumas pessoas já morreram no local no momento da passagem do trem, entre elas uma criança.

observei que áreas destinadas a novas construções são quase inexistentes na favela. Além disso, devido à precariedade das construções, a verticalização torna-se um procedimento custoso para os proprietários das residências. Segundo relatos dos mesmos, a coabitação é mais “prática” e “barata” do que a verticalização. Neste sentido, quando não mudam para as favelas vizinhas, neste caso a Oriente²¹, os filhos e parentes dos antigos moradores permanecem nas mesmas residências, dividindo os espaços que possuem dentro delas²².

Em 2007, identifiquei a existência de um posto de saúde, com ambulância, atendimento de pediatra, clínico geral, ginecologista, fisioterapeuta, entre outros. Atualmente este posto encontra-se em obra. Nos altos do prédio do Posto de Saúde existia o programa municipal “Navegar é Preciso”, onde a população tinha acesso gratuito à Internet. Atualmente este espaço está desativado, pois este era um projeto da antiga gestão da cidade. Segundo moradores, quando houve a última troca de prefeitos, em 2009, os computadores foram recolhidos sob o pretexto de manutenção das máquinas, restando somente as mesas e cadeiras, que atualmente são utilizadas para reuniões da associação.



Figura 3 – Igreja Assembléia de Deus
Foto: Suellen André de Souza

A favela possui também algumas igrejas, com destaque para a Assembléia de Deus, localizada em frente “beco da

do IBGE do ano 2000, a favela Baleeira quanto a favela Oriente obteve este mesmo acordo com a observação etnográfica, o fator dos espaços na favela Baleeira, sem a presença de construções verticais. Para tal, ver tabela – Anexo 2.

gração entre as favelas o crescimento da alguns entrevistados, o tráfico de drogas se desenvolve na mesma intensidade nos dois locais e, devido à proximidade dos mesmos, a criminalidade atinge de forma quase igualitária as duas favelas. Isto pôde ser percebido na tensão vivida pelos traficantes quando a polícia entrava em qualquer uma delas. Entretanto, como a Baleeira concentra a distribuição da droga, é mais visada pela polícia, conforme veremos adiante. Segundo Pessanha (2001: 22), esta favela forma um triângulo em pontos equidistantes da cidade com outras favelas (Parque Prazeres e Tira Gosto), estabelecendo-se como ponto de referência para o tráfico de drogas e armas na cidade de Campos dos Goytacazes.

morte”²³. Diversos bares concentram encontros entre as pessoas do local, que neles consomem os alimentos e bebidas a venda. Nestes locais tocam-se músicas de diversos gêneros e algumas pessoas dançam. Ali também são adquiridas a maioria das bebidas alcoólicas levadas para a “pedra”²⁴. Alguns pequenos estabelecimentos comerciais, conhecidos como “vendas”, complementam o cenário local, onde os moradores podem adquirir alimentos, produtos de higiene e limpeza à vista, pois todos os vendedores, que em sua grande maioria são os donos do estabelecimento, fazem questão de expressar que não aceitam “fiado”²⁵. Alguns cartazes também ficam colados nas paredes e portas dos estabelecimentos com este recado. Entretanto, os estabelecimentos comerciais maiores, conhecidos como “mini-mercados”, permitem a venda no sistema “fiado” aos conhecidos, com quem se tem uma relação de confiança, e, como relatado por um comerciante, àqueles que moram há muito tempo no local. Neste sistema, as pessoas podem efetuar o pagamento dos produtos adquiridos até um mês após a compra. Existem três principais no entorno da favela e outros mais distantes, mas nenhum dentro dela.

Não existem escolas dentro da favela, somente em seu entorno. São duas escolas estaduais, José do Patrocínio e Vinte e Nove de Maio, e uma escola municipal, Presidente Castelo Branco. A maioria das crianças da favela estuda na escola municipal, que fica localizada na Rua Profº Edgard Machado, próxima a favela Oriente, e os jovens nas escolas estaduais descritas, localizadas respectivamente na Rua Cora de Alvarenga e Quinze de Novembro.

Algumas atividades relacionadas ao samba e carnaval também estão presentes na favela. Esta possui um boi de samba, *Boi Sacudo*, e uma escola de samba chamada *Juventude da Baleeira*. Esta não desfila há dois anos, pois o carnaval da cidade está acontecendo em um território sob domínio da favela

²³ Lugar onde eram aplicados os castigos e realizados os assassinatos na favela.

²⁴ A “pedra” é um espaço localizado na linha do trem, bem próximo ao posto policial, onde os homens que tomam cachaça na favela se encontram. Possui efetivamente uma pedra, onde apóiam o copo, a bebida, o cigarro, entre outros pertences.

²⁵ Venda de produtos a crédito.

rival. Um dos times de futebol leva o mesmo nome da escola de samba e o outro se chama *Vila Operária*. Conforme relatado, próximo à favela existe um cemitério e os moradores estabelecem uma relação econômica e simbólica com o espaço. Segundo os moradores mais idosos, este lugar será a futura moradia, após a morte, e, alguns serviços prestados às famílias que tem túmulos no local (como a limpeza e vigília dos túmulos, pois muitos são violados para a retirada do bronze colocado no acabamento dos retratos dos falecidos) permitem a aquisição de um dinheiro fixo todo mês.



Figura 4 – Quadrilha Maluca
Foto: Suellen André de Souza

Em uma rua bem próxima a favela acontece todo ano, no mês de junho, o Arraiá do Teixeira. Este evento é esperado por alguns moradores (inclusive os traficantes), que, quando perguntados sobre os lugares que freqüentam, citaram sempre esta festa. Acontecendo há dez anos na rua Teixeira de Melo, este evento dura três dias (de sexta-feira à domingo), com apresentação de diversas quadrilhas compostas, em sua maioria, por moradores locais, principalmente os membros da família Da Hora²⁶.

Durante a pesquisa, em várias ocasiões acompanhei nas ruas da Baleeira a intensa circulação de pessoas, em sua maioria crianças e mulheres, além de galinhas, cachorros e porcos. Também observei a presença de mulheres lavadeiras. Esta atividade era mais frequente durante os dias de sol. As mulheres lavavam as roupas em bacias de alumínio ou em máquinas e as penduravam em varais localizados ao longo da linha do trem.

²⁶ Uma de suas organizadoras relatou que a quadrilha acontecia no quintal da casa desta família, mas como esta foi crescendo e os moradores se interessando, a quadrilha passou a ser realizada na rua.



Figura 5 – Objetos de Trabalho das Lavadeiras
Foto: Suellen André de Souza



Figura 6 – Roupas nos Varais
Foto: Suellen André de Souza

Durante a pesquisa observei que as crianças realizam as mais variadas brincadeiras, de acordo com o que possuem à disposição. Quando realizava a entrevista com um dos jovens, um menino subiu em uma carroça e bateu no cavalo que estava amarrado a ela. Este começou a andar e aquela criança saiu guiando o animal. Algumas pessoas gritaram para que ele largasse a carroça, mas ele continuou a brincadeira sorrindo e chamando os amigos. O jovem que eu entrevistava disse que aquelas crianças eram umas “pestes”, que inventavam de tudo. Perguntei do que elas mais brincavam. Ele disse que era de tudo, que eles inventavam qualquer coisa, mas que viviam brincando de “*polícia ladrão*”. Perguntei o que ele fazia naquela idade. Disse que também brincava muito disso, que ninguém queria ser a polícia, e que o maior objetivo era matar a polícia.

Entrevistado: Polícia ladrão pô, o foda é que ninguém queria ser polícia. Quem vai ser polícia? Tinha que tirar zerinho ou um. E se perdesse tinha que ser polícia né, tinha que topar né. Mas a pior parte é ser polícia. Entrevistadora: Por quê? Entrevistado: Por que é po. Entrevistadora: Mas porquê? Entrevistado: Por que é, nem sei explicar ta ligado, polícia é foda, polícia é maldoso.

Em uma das esquinas da favela localiza-se a “*boca de fumo*”, onde os jovens embalam, distribuem e vendem drogas²⁷. Bem próximo ao local está

²⁷ Durante a pesquisa observei que a atividade do tráfico de drogas era desenvolvida por jovens negros, ou adultos negros. Mas, no último ano de trabalho de campo identifiquei dois homens brancos, um jovem e um adulto, envolvidos em tal atividade. O jovem foi entrevistado para esta pesquisa e disse ter sofrido algumas situações constrangedoras dentro da favela no início de

instalado um Posto de Policiamento Comunitário, na entrada do “*cemitério de indigentes*”²⁸, as margens da linha de trem, de frente para a favela Baleeira e



Figura 7 – Posto da Polícia Militar
Foto: Suellen André de Souza

ao lado da favela Oriente. O Posto foi inaugurado na favela durante o governo estadual de Antony Garotinho (1999-2002), propriamente no ano de 2002. Caracteriza-se por uma edificação de alvenaria, com uma sala e banheiro, onde os policiais ficam sentados, ou em pé do lado de fora,

acompanhando a circulação no local. Os jovens que ficam junto a “*boca*” apenas conseguem visualizar os policiais localizados no Posto ao se deslocarem para a esquina da rua Lacerda Filho com a rua Bento Farias Paes. O mesmo ocorre com os policiais que não tem alcance visual dos traficantes na “*boca*”.

Em frente ao posto policial há esgoto saindo de buracos e/ou encanamentos de algumas casas e lixos espalhados pelas ruas, principalmente às margens da linha de trem, apesar da coleta seletiva diária. As casas, muito próximas, são separadas por pequenos becos ou corredores. As construções são horizontalizadas, e, em sua maioria, os telhados são cobertos por telha de cimento amianto que, juntamente com a dificuldade de ventilação, provoca um superaquecimento das casas nos dias de sol. Por isso muitos moradores justificaram a presença nas ruas, principalmente embaixo das pequenas árvores ao longo da linha de trem. Em algumas residências observei a presença de banheiro coletivo, localizado no quintal do terreno que abriga diversas casas. O local possui rede de esgoto, água, luz, coleta de lixo diária e

suas atividades porque o consideravam um “*playboy*”, mas que isso acabou. Sua cor também contribuiu para chamar mais a atenção das mulheres do local, e por isso foi avisado diversas vezes sobre o envolvimento com mulheres comprometidas, conforme relatado anteriormente. Estas impressões não foram foco da pesquisa ainda que considere a pertinência de se problematizar estas informações.

²⁸ Neste cemitério são sepultados os corpos das pessoas que não possuem túmulos, documentos de identificação e/ou não foram identificados por familiares.

transporte público, que passa com frequência nas ruas no entorno da favela. Quando realizamos o primeiro trabalho etnográfico no local, havia obras nas ruas para o escoamento da água das chuvas. As enchentes, geradas pelas fortes chuvas de verão na cidade, alagavam a favela deixando várias famílias desabrigadas. Atualmente as chuvas não provocam mais estes alagamentos.

Sempre que me perguntei sobre as condições locais de moradia da favela Baleeira o primeiro registro era a precariedade de serviços públicos, mas nem tudo e nem sempre o que observava na paisagem me parecia decorrer exclusivamente disto. A forma de se organizar para viver e a maneira como as pessoas ordenam suas experiências estão associadas à origem do lugar e as formas mais difusas de organização social do território.

II – Jovens traficantes e sociabilidade na favela Baleeira

Com a finalidade de apresentar as percepções e vivências dos jovens moradores da favela Baleeira que desenvolvem atividades ligadas ao tráfico de drogas local, pretendo apresentar inicialmente alguns elementos de suas socializações como um esquema de referência ao entendimento destas práticas.

Compreendo neste trabalho os jovens não como categoria de análise com classificação etária específica, e sim como uma fase da vida expressa por sentimentos e valores atribuídos pelos sujeitos, fruto de referências culturais presentes de forma e intensidade diferentes em cada sociedade, onde o casamento não seria mais capaz de interrompê-la (ARIÈS, 1981). Todos os jovens entrevistados disseram que se consideram jovens por diferentes motivos: porque é “*novo ainda para aprender muita coisa na vida*”; porque não tem família constituída, com filhos e esposa; ou porque faz coisas que considera de jovem, como soltar pipa, jogar bola e ir a shows.

Conheci André²⁹, 20 anos, na “*boca*” nos primeiros meses da pesquisa. Ele mora na Baleeira desde o seu nascimento, vive com sua avó, uma costureira aposentada de 72 anos, e um irmão de 12 anos na favela. Sua mãe, separada de seu pai, reside em outra favela, chamada Ilha do Cunha, mas mantém contatos constantes e ajuda nas despesas dos familiares moradores da Baleeira. André disse não gostar do atual marido dela e por isso prefere ficar com sua avó. Não conhece seu pai. A mãe diz que é um “*vagabundo*”, que não quis saber dos filhos. André frequentou a escola até a sexta série (sétimo ano) do ensino fundamental. Ao falar do afastamento da escola disse que o desinteresse decorria da inexistência de atividades agradáveis, a falta de professores e a perda de tempo.

Quando me recebeu na “*boca de fumo*”, André era o responsável pela “*atividade*”. Estava na esquina, sentado em um banco, esfarelado uma quantidade de maconha em cima de um guardanapo. Desconfiado, falou muito pouco a seu respeito. Disse que trabalhava como “*vapor*”³⁰ há poucos meses, mas seus familiares não sabiam. Nunca foi preso, mas já levou várias “*duras*”³¹ da polícia na favela. Após termos combinado o dia e local da entrevista encontrei com ele na calçada em frente ao portão de sua casa, onde

²⁹ Os nomes utilizados são fictícios.

³⁰ O “*vapor*” é responsável pela venda da droga ao consumidor (BARBOSA, 1998). Na Baleeira o “*vapor*” recebe vinte reais por hora, mesmo que não venda nada, quando trabalha pela manhã, e trinta reais por hora quando trabalha à tarde. Se isso acontecer, o pagamento é feito em drogas, trocadas por dinheiro em outra “*boca de fumo*” (geralmente na favela Oriente) que esteja com um movimento melhor.

³¹ Abordagem abusiva dos policiais aos moradores de favelas.

conversamos, numa tarde de sábado. Ele não autorizou a gravação, alegando que poderia “*complicá-lo*”. Fomos interrompidos diversas vezes por pessoas que passavam pelo local, entretanto, André respondeu a todas as perguntas, apesar das respostas curtas e da fisionomia séria. Em momento algum me destratou, mas sentia-se incomodado com meus questionamentos, colocando as mãos no rosto e respirando fundo antes de responder.

Bruno, o meu segundo entrevistado, é filho caçula de uma empregada doméstica e tem 18 anos. Mora na Baleeira com a mãe, uma irmã de 25 anos e dois sobrinhos. Sua mãe trabalha na casa de “*bacanas*”³² num bairro de classe média alta da cidade, ficando o dia inteiro fora de casa. Seu pai morreu assassinado quando ele tinha seis anos. Não se lembra muito do fato, mas disse que foi uma injustiça. O confundiram com um bandido da região. Disse que a revolta diante do fato o motivou a entrar para o tráfico, a fim de compensar o dano sofrido por toda a família. Apesar disso, fez questão de ressaltar que aquilo que fazia não era um emprego, só ajudava seus “*parceiros*”³³ quando precisavam vendendo uns “*produtos*”³⁴, e que não era “*traficante de drogas*”.

Bruno estuda em uma escola pública perto da favela durante a noite e está cursando a quinta série (sexto ano) do ensino fundamental. Em nosso primeiro encontro, estava na esquina sentado sozinho num banco de madeira. Contei sobre a pesquisa e ele disse que não poderia conversar naquele momento, pois já estava saindo. Marcamos de nos encontrar no dia seguinte, naquele mesmo lugar. Quando cheguei, ele não estava lá, mas circulando pelas ruas o encontrei soltando pipa com uma criança. Antes de começarmos a conversar fez questão de ressaltar que não queria que seu nome fosse revelado e, como já estava com o gravador nas mãos, que a entrevista fosse gravada. Concordando com suas condições, sentamos na linha do trem e iniciamos uma longa conversa que durou cerca de uma hora e meia. Poucas pessoas nos interromperam e ele respondeu a todas as perguntas sem

³² Segundo ele “pessoas que tem muito dinheiro, ricas”.

³³ Colegas e amigos.

³⁴ Drogas.

qualquer sinal de irritação. O último contato que tive com ele foi em sua casa, onde o procurei para retomar algumas questões levantadas durante a entrevista. Recebeu-me muito agradavelmente, mas a presença de familiares no local impediu que falássemos sobre o assunto da pesquisa. Neste dia vivi uma situação constrangedora para a família do jovem, identificada através dos diversos pedidos de desculpas feitos a mim pela mãe, a repreensão do jovem à mãe no momento do fato, dizendo que esta havia feito uma “*merda*”, e ao pedido do jovem, em voz baixa, para que saíssemos daquele lugar, pois estava “*podre*”, correspondendo a mal cheiroso e sujo. Em cima da pia havia muitas panelas sujas, que acumulava moscas. A mãe do jovem as encheu de água e, alguns minutos depois, ouvimos um barulho. A água fez uma pressão na tubulação, que estourou. Uma porção de restos de alimento e água suja se espalhou pela sala onde eu estava sentada com o jovem. Ela me pediu desculpas e disse que o esgoto estava entupido, por isso a água não estava escoando. Bruno pediu que eu voltasse outro dia, mas todas as vezes que retornei não o encontrei. Após cinco tentativas que compreenderam idas a sua casa e circulação pelas ruas da favela à sua procura, fiquei sabendo através de sua irmã que a mãe havia descoberto seu envolvimento com o tráfico e o enviado para passar um tempo na casa dos tios em uma “*roça*” no interior da cidade, que não revelou o nome.

Cheguei a Carlos (25 anos), por intermédio do “*gerente*” do tráfico de drogas local. Ao me apresentar na “*boca de fumo*” e contar sobre a pesquisa, ele chamou Carlos e solicitou que me desse uma “*atenção especial*”. Após assumir a promessa que cumpriria o que estava sendo solicitado, o que o jovem fez com maestria, fui levada por ele a sua casa, localizada em um dos becos da favela, e apresentada a sua família, composta pela esposa e um filho de dois anos. Neste local só tive acesso à sala, que continha um sofá e um quadro com a foto do homem que foi assassinado pelo chefe da favela rival, fato que, segundo Carlos, deu início a intensas brigas entre a favela Baleeira e a favela Tira Gosto. Tive acesso ao seu número de telefone celular, e fui muito bem instruída sobre as formas de comunicação com os jovens do local, de modo a não despertar desconfiança. Seus pais estão separados desde que ele

tinha seis meses de idade, e moram em outros bairros da cidade próximos ao local. Ele foi criado pela avó, e a visita com frequência, bem como à sua mãe. Já com o pai não estabelece muito contato. Terminou o segundo grau e está matriculado em um curso técnico de mecânica em uma instituição pública da cidade, que frequenta quando a “*atividade do tráfico*” permite ou quando “não tem muitos compromissos na favela”. No dia em que fomos apresentados ele disse que ajudava os amigos na “*boca*”. Ao término da pesquisa, Carlos já havia assumido o cargo de gerente do “*branco*”³⁵ no “*movimento*”³⁶ da favela. Esteve preso por um ano e meio. Assim que saiu começou a namorar sua esposa, que engravidou meses depois. Na segunda visita que fiz a sua casa, levada por sua esposa, que encontrei na rua onde moravam, conversamos rapidamente sobre a data e local de realização da entrevista, visto que este se encontrava doente e não estava disposto fisicamente a conversar naquele momento. Conforme sugestão de Carlos a entrevista foi realizada na sala que sediava o programa municipal “*Navegar é Preciso*”. Sentados em uma grande mesa, conversamos por duas horas, apesar de Carlos ter solicitado que a conversa fosse rápida porque estava “*ajudando*”, ou seja, trabalhando na “*boca*”. Ele autorizou o uso do gravador e não se mostrou, em nenhum momento, incomodado com a presença deste em cima da mesa. Após esta entrevista, a última realizada com os jovens do local, o procurei duas vezes. Na primeira ele tinha compromisso e não poderia conversar comigo, prometendo me ligar para marcar outro encontro. Marcamos por telefone duas vezes, que foram desmarcadas pelo jovem por causa do enterro de um amigo e devido à presença da polícia no local no dia combinado. Como não nos falamos novamente, fui à favela e Carlos solicitou que não o procurasse por um tempo, pois corria grande risco de ser considerada “*X9*” se insistisse em frequentar a favela, conforme relatado anteriormente. Ele prometeu que me ligaria para remarcarmos, fato que não aconteceu até o fechamento deste material.

³⁵ “*Branco*” refere-se à cocaína (cloridrato extraído da *erythroxylon coca*) e “*preto*” refere-se à maconha (*cannabis sativa*) (BARBOSA: 1998).

³⁶ Atividade de compra, embalo e distribuição de drogas para as “*bocas de fumo*” das favelas sob domínio.

Voltei a encontrar Diego, 22 anos, há pouco mais de um ano do nosso último encontro, quando estive na favela para entregar a minha monografia que ele havia me pedido. Fui procurá-lo e sua mãe me informou que ele estava casado, com um filho e morava em outra casa na favela Oriente, próxima favela Baleeira. Obtive o número do seu telefone celular e entrei em contato com ele. Quando liguei, ele me reconheceu e disse que estava com “*saudade*”, que eu era “*parceira*” e que gostava muito de conversar comigo. Combinamos de nos encontrar em sua casa. Quando cheguei à favela, ele estava sentado em frente a sua casa com os pés apoiados em um banco, de repouso por causa de um grande corte que havia sofrido no pé direito quando trabalhava como ajudante de pedreiro. Durante a conversa ele me disse que sofreu um “*castigo*” e que tinha saído do tráfico depois disto. Diego pediu que não gravasse mais a nossa conversa, pois tinha “*gente de olho*” nele, observando suas atividades.

Segundo Diego, o “*castigo*” consistiu em três meses trancado dentro de casa. Depois disto passou a frequentar a igreja evangélica, quando, segundo ele, conseguiu largar o “*vício de drogas*”. Após terminar o namoro com a menina que estava no período de realização da monografia, se apaixonou pela amiga dela. Tentou “*desenrolar*”³⁷ por vários dias, pois a jovem não queria ficar com ele por causa da ex-namorada, que era sua amiga, mas conseguiu namorá-la. Após uma semana, ele a pressionou dizendo que se gostasse mesmo dele queria que lhe desse um filho, pois era seu sonho. Ela concordou e engravidou. Hoje seu filho está com dois anos. No começo ele foi morar na casa dos pais dela. Ela trabalhava cuidando de outra criança e ele estava desempregado. Certo dia estava “*fortalecendo*”³⁸ os amigos na “*boca de fumo*” e o pai dela chegou, começou a xingá-lo por não possuir trabalho e nem se esforçar para tal. Revoltado, Diego disse que só não o agrediu por consideração a filha dele. Pediu que o homem “*vazasse*”³⁹ da favela senão “*o negócio ia ficar complicado*”. Ele então procurou a mãe de seu filho e pediu que ela escolhesse entre ficar com o pai ou com ele. Ela escolheu ficar com o pai e

³⁷ Convencê-la a namorá-lo.

³⁸ Ajudando.

³⁹ Ir embora.

ele voltou para a casa da mãe. Acreditava que quem gostava mesmo dele era a outra, que o acompanharia em qualquer situação. Alguns meses depois eles se reconciliaram e hoje moram com o filho em um “*barraco*”⁴⁰ na favela Oriente. Sua mãe continua morando na favela Baleeira, onde Diego morava anteriormente, e seu pai na cidade de Vitória, onde faz parte do grupo do tráfico de drogas de uma favela sob o comando de seu tio.

Todos os jovens pesquisados se conhecem e estabelecem relações de proximidade. Alguns deles possuem laços de parentesco. Aqui será mantido o sigilo destas relações e as falas não serão identificadas para que não haja nenhum tipo de comprometimento para os pesquisados, que aceitaram ser entrevistados sob esta condição.

2.1 – O tráfico de drogas e as relações sociais na favela

A favela Baleeira forma um triângulo em pontos equidistantes da cidade com outras favelas (Parque Prazeres e Tira Gosto), estabelecendo-se como ponto de referência para o tráfico de drogas e armas na cidade de Campos dos Goytacazes (PESSANHA, 2001: 22). Quando perguntava aos moradores sobre a origem das “*atividades do tráfico*” na favela Baleeira, alguns desconheciam o fato, outros se remetiam ao período do final da década de 80, quando a atual família que está no comando do tráfico saiu da cidade do Rio de Janeiro e veio morar em Campos dos Goytacazes. Segundo os jovens, na ocasião já havia tráfico de drogas na Baleeira, com venda de maconha, mas não souberam dizer quem exercia o comando. A cocaína foi introduzida por um dos homens desta família, que assumiu a “*chefia*” do tráfico na favela Baleeira e na favela Tira-Gosto.

Ele era dono daqui e de lá, e foi o pioneiro que trouxe a cocaína para Campos né. Todo mundo fala que ele foi o pioneiro que trouxe a cocaína para Campos, logo no início. Que no início vendia só maconha na época aqui.

⁴⁰ Pequena casa de tijolo.

Este chefe contava com um “*braço direito*”⁴¹ na Tira Gosto. Conta-se que tempos depois este traficante considerado o “*braço direito*”, que não era membro da família, assassinou o seu “*chefe*” assumindo o comando do tráfico na Tira Gosto. O tráfico na Baleeira ficou sob o comando do irmão deste “*chefe*”, baseado na relação de confiança estabelecida entre eles. Este veio para Campos antes do assassinato do irmão e após cumprir pena por tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro. Segundo os jovens traficantes, a rixa entre as favelas Baleeira e Tira-Gosto foi iniciada após o assassinato do “*chefe*” pelo seu “*braço direito*”, quando os traficantes da Baleeira buscaram vingar a sua morte e localizar o seu “*corpo*” para o sepultamento, o que não aconteceu.

Segundo relatos dos moradores, o tráfico sempre esteve sob a liderança da família migrada do Rio de Janeiro que distribui os cargos de confiança entre os homens mais velhos na escala de parentesco com o chefe: irmãos, primos, cunhados e amigos. Quando questionados sobre a possibilidade de rompimento deste vínculo, os jovens consideraram o fato impossível (... *vai de geração para geração. Não chega a ir os poderes para a mão de outra pessoa entendeu? Vai passando*). As outras “*atividades*” na “*boca*” são desenvolvidas por qualquer homem que tenha “*responsabilidade, seja rato, sagaz*”, independente da idade. Os entrevistados enfatizaram que até crianças realizam os trabalhos influenciados pelo dinheiro e pelos exemplos que encontram nas ruas da favela.

“Ai o cara chega e vai ali, os traficantes muitas vezes não quer, mas infelizmente tem um ou outro que não pensa nas crianças não. Não é filho dele. Amanhã, depois se morrer novinho não quer nem saber. Aí deixa a criança ali, ai chega e fala assim: “vai ali comprar um lanche para mim”. Aí o menino vai ali comprar um lanche, vai lá da uns 20 reais a criança de uns 10, 12 anos pra comprar um lanche dez horas da noite. Daqui a pouco o menino acha que aquela pessoa é amigo dele por aquilo, tá do lado dele meia noite, uma hora da manha. Ai

⁴¹ Homem de maior confiança do chefe.

daqui a pouco ó, “leva essa maconha para mim na casa de fulano que fulano tá aguardando”. Ai a pessoa vai ganhando 20 molinho aqui, mais 10 molinho ali, ele vai ver que amanhã ou depois se ele trabalhar na boca vai valer à pena... mas por causa de que, de uma influência, de um trabalho.”

Quando tentei esclarecer a diferença entre “movimento” e “atividade do tráfico”, os jovens me explicaram que o termo “movimento” designa toda atividade de compra, embalo e distribuição da droga para as “bocas de fumo” da favela Baleeira e todas as outras a ela submetidas. O termo “atividade” refere-se à venda da droga na “boca de fumo”. Desta forma, todos os jovens que trabalham na venda de drogas estão na “atividade” e todos os “gerentes” fazem parte do “movimento”. Durante a “atividade” na “boca” os jovens portam armas fornecidas pelo “chefe”. Segundo um “vapor”, usar em outros contextos pode significar afrontar a “chefia”, desta forma, os “chefes” não permitem que outros moradores possuam armas no local.

Entrevistadora: Você tem arma? Entrevistado: Tenho não, não pode. Tipo como, se você tiver arma os caras têm que estar cientes do bagulho. Às vezes eu fico com a arma aí da firma, às vezes é do plantão. Entrevistadora: Ah, o plantão que tem arma? Entrevistado: É, para que vai querer arma, nego fica achando que você quer bagulho, querendo tomar a favela. Entrevistadora: A arma é de quem? Entrevistado: É da firma. Entrevistadora: E se souber eles pegam? Entrevistado: Pegam. Tipo assim, manda a peça, não sei o que, não sei o que. Mesmo você comprando tem que entregar.

De modo geral, todos os jovens consideraram que a venda de drogas na favela “rende muito dinheiro”. Um “vapor” disse que somente o “chefe” enriquece com a “atividade”. Contudo, o “gerente” considera que o dinheiro não é o que move o desenvolvimento da “atividade do tráfico” no local, pois o lucro também é destinado a ajudar as pessoas.

Rende muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo. Tipo, chega dez quilos, fica três aqui, três fica na X, três na Y, é tipo tudo fechado, tá ligado. Patrão compra dez quilos. No acontecimento do dia-a-dia tudo que o gerente vende tem que dar uma parte ao patrão. Tipo assim, o quilo é R\$1.000,00, o patrão que compra, tem que dar R\$ 600,00 pro patrão e o resto fica pro gerente. Por isso que eu to falando que só quem ganha dinheiro é o patrão.

Entrevistadora: Mas rende dinheiro? Entrevistado: É, rende. Render rende, mas não é pelo dinheiro, porque se fosse pelo dinheiro não faria o que ele, não faria, pessoas que estão hoje em dia tomando conta não fariam o que fazem. Eu acho que todo dinheiro poderia virar aquilo só para ele e acabou cara. Não vira, não é para isso. Você vê que ajuda muita gente, muita. Até a própria família também.

Ao dimensionarem a presença do tráfico na cidade, os entrevistados relataram que houve um crescimento da venda de drogas na favela Baleeira, contrariamente ao que escutam falar sobre a favela, associando o declínio do tráfico a prisão dos traficantes locais. Um dos jovens que atualmente está em uma das posições de comando relatou:

Eu acho que, na minha visão, do tempo que eu conheço, agora que eu conheço de uns sete anos para cá, oito anos, que eu parei, mas ainda to lá, que eu fui ter noção do que é o tráfico, hoje em dia, o que eu vejo hoje em dia, tem muito mais do que há cinco anos. Posso dizer que, posso dizer que se eu dobrar de valor...

Os jovens ao falarem da relação estabelecida com a facção do tráfico Amigo dos Amigos – ADA⁴², destacaram a influência deste grupo na hora de

⁴² Segundo o jornal Folha de São Paulo, “a facção ADA (Amigo dos Amigos) foi fundada por Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, e por Celsinho da Vila Vintém por volta de 1998. Uê foi expulso do Comando Vermelho em 94, após tramar a morte de Orlando Jogador, um dos líderes da principal organização criminosa do Rio de Janeiro. Principal rival do traficante Luiz

alocar traficantes em presídios no Rio de Janeiro, mas que esta associação não exerce nenhuma influência na “atividade do tráfico” na favela. As marcas desta associação podem ser observadas nas pichações em muros de algumas casas da favela.

Entrevistadora: Agente vê aqui nos muros a inscrição do ADA. O que significa isso? Entrevistado: Facção nossa do Rio de Janeiro. ADA. Amigo dos Amigos. Entrevistadora: Mas qual a influência que isso tem? Entrevistado: A influência é porque aqui antigamente não tinha facção. Não tinha nem aqui nem lá – na favela rival. Não tinha facção. Quando a pessoa ia preso ficava junto dentro da mesma cadeia. Quando ia pro Rio de Janeiro ficava junto dentro da mesma cadeia. Sendo que não tinha problema, mas eles ficavam tudo lá. Mas toda cadeia tem que ter facção. Chegou um certo dia no Rio de Janeiro que eles decidiram, entendeu? Porque quando o chefe chegou no Rio de Janeiro teve um problema lá no Rio, os caras querendo fazer covardia com ele. Ficava todo mundo junto na mesma cadeia. Ai ofereceram dinheiro lá pra matar ele. Ele foi e desenrolou lá e saiu de dentro da cadeia, foi quando ele entrou em contato com o pessoal aqui do ADA no Rio e juntou.

Entrevistadora: O pessoal do Rio tá vindo prá cá? Entrevistado: Não tá. Entrevistadora: Mas, pra questão de venda, de tráfico isso faz diferença? Entrevistado: Não, na minha visão não. Não, é uma facção identificada por nome pra poder cada um ter seu pedaço, ter seu território, principalmente na cadeia.

Fernando da Costa, o Fernandinho Beira-Mar (ligado ao CV), Uê foi morto em 2002, durante rebelião liderada pelo Comando Vermelho no presídio de Bangu 1. Com a morte de Uê e a prisão de Celsinho da Vila Vintém, o TC e a ADA se uniram. Dissidentes das duas facções formaram o TCP (Terceiro Comando Puro)”. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2004/traficonorio/faccoes.shtml> (Último acesso: 13 de agosto de 2010).

Entrevistadora: Mas aqui sempre foi ADA, ou antes era Comando Vermelho, como foi? Entrevistado: Não, aqui nunca teve facção. Agora que tem ADA, mas nunca teve outro.

Além das inscrições referentes às facções, observa-se nos muros pichações do CB1, que se referem à posição da favela no “Complexo Baleeira”. A divisão em Complexos permite a organização e distribuição das drogas entre as favelas sob domínio da favela Baleeira, que ocupa a primeira posição nesta divisão por ser a matriz. A seqüência segue uma ordem baseada no tempo em que as outras favelas se associaram a favela Baleeira.

Entrevistadora: E eu vejo muito nos muros também negócio de CB. Me conta como é. Entrevistado: Complexo Baleeira. Existem complexos. Aqui é a 1, que é a matriz, a principal. Acho que tem até B7, eu acho. O negócio é complicado essa história ai garota.

Em uma entrevista, um dos jovens enfatizou que na Baleeira não se vendia “aquele tal de crack”, que “não se aceitava isso”, pois o irmão de um amigo “morreu por causa disso, mais por causa do crack. Ele começou fumando crack, fumando. Então teve que tirar as coisas dele. E ele entrou em depressão, começou bebendo, sempre bebia”. Entretanto, seis dias após a realização desta entrevista os jornais locais⁴³ noticiaram a apreensão de 100 pedras de crack e 50 papelotes de cocaína na favela. Após esta notícia, várias outras se seguiram sobre o mesmo assunto⁴⁴. Devido à impossibilidade de continuar a pesquisa, não pude retomar este ponto com o jovem

⁴³ As notícias foram publicadas nos seguintes sites:

http://www.ururau.com.br/destaque1316_CERCO_AO_TRÁFICO_Policiais_Militares_estão_em_operação_na_Baleeira (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 6.

<http://www.fmanha.com.br/#1219359808/1270661620> (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 6.

⁴⁴As notícias foram publicadas nos seguintes sites:

<http://www.fmanha.com.br/#1219359808/1279140649> (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 7.

http://www.ururau.com.br/cidades5121_MACONHA,_CRACK_E_COCA_Polícia_apreende_drogas_e_prende_suspeito (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 7.

http://www.ururau.com.br/cidades4727_OCORRÊNCIAS_POLICIAIS_Desmanche,_carro_recuperado_e_drogas_na_Baleeira (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 7.

Entrevistadora: Então o crack era vendido aqui e depois que ele morreu parou? Entrevistado: Foi. Ai foi e falaram: “Ó, se agente colocar isso aqui, amanhã ou depois agente vai ter que tá matando nossos próprios amigos. Entendeu? Que o cara vai começar errando”. O crack querendo ou não faz isso. Eu vou falar pra você, vou ser realista, eu cheguei a fumar isso, mas na época que eu tava lá dentro, entendeu? Eu tive preso e lá dentro da cadeia tinha isso, crack. Mas eu nunca fumei puro. Eu tinha medo. Porque eu ouvia falar. Quando eu conheci isso aqui na rua não vendia e lá falava que era droga de quem é rico fica pobre e quem é pobre vira mendigo. Então eu me coloquei no meu lugar, eu sou pobre, vou virar mendigo. Então eu vi pessoa pagar, eu vi com meus próprios olhos. Não foi ninguém que chegou pra mim e contou. Um rapaz pagar cinco mil reais em uma semana de crack. Ele pagou, cinco mil reais. Então, acho que crack aqui agente não trabalha com isso. Lá eles trabalham – na favela Tira-Gosto.

Ao longo do tempo que permaneci na Baleeira pude acompanhar diversas vezes comentários sobre um lugar onde os traficantes aplicavam os castigos e praticavam assassinatos na favela, chamado de “beco da morte”⁴⁵. Neste corredor anteriormente havia um terreiro de umbanda que foi fechado⁴⁶. No terreno em frente ao beco foi fundada uma igreja evangélica. Segundo os jovens traficantes, desde então não ocorreram mais punições do tráfico no local. Um jovem mencionou ter presenciado seu tio e três de seus amigos levarem uma “surra” por terem estuprado uma moça deficiente auditiva:

⁴⁵ Com a instalação do Posto Policial no local conhecido como “Boca da Morte”, as punições executadas neste local passaram a ocorrer no “beco da morte”.

⁴⁶ Os moradores e os jovens entrevistados relataram esta prática religiosa sofria grande preconceito, pois muitos moradores do local são evangélicos e consideravam que todas as práticas realizadas neste terreiro “chamavam o demônio”. A fala de um jovem expressa claramente este sentimento: “Eu não gosto dessa parada não, eu tenho pesadelo. Na moral, sou cria da favela, mas nunca comi um pedaço de bolo de macumba, Cosme e Damião.” A antiga dona do local não quis falar sobre o assunto e me disse que os outros moradores já fizeram muita maldade com ela por causa disso, que hoje ela não realiza mais estas “atividades”.

Conforme disse: *“Foi quatro pro paiol⁴⁷. Eles botaram maluco de cabeça para baixo e era só maderada”*.

Ainda que o “beco” tenha deixado de existir as punições do tráfico continuam. Hoje as torturas são feitas fora da favela, com uma frequência menor devido a maior aceitação das regras e a relação mais tranqüila estabelecida entre os moradores e os traficantes, segundo o que foi relatado pelos jovens entrevistados. Estes descreveram também as diversas leis impostas pelos traficantes, reforçando as já identificadas em momento anterior (SOUZA, 2007), que, se desrespeitadas, implicam em ações violentas que vão de castigos até a morte. De acordo com depoimento de um dos jovens: *“A lei da favela é foda po. É a lei do silêncio. Às vezes mata um aqui, a polícia chega e pergunta quem matou, vagabundo às vezes viu, mas ninguém fala. Tem que respeitar a lei da favela.”* As regras gerais de convivência são: não delatar; não roubar a “comunidade” ou nas proximidades dela; não estuprar; não matar as pessoas sem um motivo sério; não desmoralizar morador, fazendo com que passem vergonha na frente de outras pessoas sem um motivo aparente ou mesmo que sofram qualquer discriminação devido a sua condição de pobre ou negro; saber entrar e sair na “comunidade”, sem querer se impor, e sim ser humilde; e não se envolver com mulher que esteja compromissada com outro morador da favela.

Dada as referências anteriores, pode-se afirmar que as ações do traficantes locais conformam práticas que envolvem estratégias de controle do território, estabelecendo neste a *“sociabilidade violenta”* (MACHADO, 2008).

Sô sujeito homem a vera, mas sô coração de açúcar. Por causa de que um dia eu vi o cara morrer, meu olho encheu de água. É triste mano, é triste.

Entrevistado: A primeira vez que eu vi um cara morrer o primeiro tiro que ele levou foi no ovo. Sinistro! Entrevistadora:

⁴⁷ O “paiol” era um quintal localizado dentro de uma casa em um dos becos da rua Lacerda Filho, onde eram aplicadas as penas as pessoas que desobedecessem as ordens impostas pelos traficantes de drogas.

Mas por quê? Entrevistado: Mexeu com mulher de amigo. Queimaram o corpo dele e até hoje a mãe dele não sabe onde ta. O filho dessa mulher aí ó (apontou para o portão da casa onde estávamos sentados) morreu de overdose. Ele cheirava demais e ficava devendo na boca. Os chefe mandaram ele cheirar um pacote de sal. É maluco... Ele morreu na frente da casa mesmo.

Entrevistado: Um cara lá que caguetou a favela. Aí mataram ele. Entrevistadora: Como? Entrevistado: Tiro. Entrevistadora: As mortes são violentas? Entrevistado: Não, normal. Entrevistadora: Como? Entrevistado: Normal de todas as favelas. Entrevistadora: O que é ser normal de todas as favelas? Entrevistado: Normal, mata com tiro.

Aquele ali é meu irmão. O pai dele morreu sabe como? A polícia chegou, ele avisou e saiu correndo com a arma na cintura. Ele caiu, tipo como, a arma disparou na cintura e matou ele. É muita coisa que a gente vê na favela. Nesse caminho do cemitério aqui já rolou muito corpo. Nego arrastava e depois vinha jogando areia para tirar o manchado, mas aquilo não adiantava. Se você ligasse, na moral, dava certinho no cemitério.

Um dos jovens descreveu a penalização que recebeu por quebrar as regras imposta pelos traficantes. A punição teve como origem o seu envolvimento com a mulher do “gerente”. Ele disse que não resistia ao encanto das mulheres e que, como os “gerentes” possuem muitas mulheres, “*não ia sentir falta dessa*”. Sabia do risco, mas não se importava. Só não deixava sua mãe descobrir porque ela o enviaria para um lugar bem longe. Certo dia o gerente descobriu e foi “*acertar as contas*” com ele durante um baile funk na favela. Eles “*caíram na mão*”⁴⁸ no local. O chefe decidiu pelo castigo. Por isto, ficou três meses em casa, “*sem poder colocar sequer a cara no portão*”. O

⁴⁸ Brigaram.

entrevistado também falou que na ocasião do “castigo” jovens evangélicos foram a sua casa e incentivaram a deixar o vício e “entrar para a igreja”. Após o período do castigo, deixou as “atividades do tráfico”, foi morar na B2 (favela Oriente) com a mãe de seu filho e trabalha atualmente como ajudante de pedreiro. Ele disse ser evangélico, mas já não frequenta mais a igreja como no período que saiu do castigo⁴⁹.

Os jovens afirmaram conhecer os castigos que ocorrem quando da quebra de regras impostas pelo tráfico. Estes falam que o castigo deve ser aplicado a todos, mesmo aqueles com vínculo de parentesco com a “chefia”. Um dos jovens relatou que seu melhor amigo na favela, “gerente” do tráfico, já o alertou para que ele não cometa erros, pois não poderia “desenrolar a situação”.

Ele falou pra mim: “Rapaz cê não erra não, que se você errar eu não vou poder fazer nada”. Tipo assim, se eu roubar droga de alguém, se eu panhar mulher de alguém. Eu ia morrer porque ele não ia poder fazer nada. Ele vai queimar o que ele tem pra amanhã ou depois, ele pega e me segura vivo, não, não vai fazer nada com ele. Amanhã ou depois vai ter problema com outras pessoas ai. Outras pessoas vão querer matar, nego vai dizer não.

Algumas vezes conversei com moradores sobre as punições dos traficantes. Segundo eles, tais práticas são de conhecimento do Posto Policial⁵⁰ construído no espaço onde anteriormente ocorriam as execuções dos “inimigos”. De acordo como o que pude observar os policiais não circulam na

⁴⁹ No período em que este jovem sofreu o castigo eu não estava realizando trabalhos na favela, mas quando da conversão preferi o afastamento, pois meu irmão fazia parte do grupo de jovens que realizava este trabalho de evangelização na favela. Acredito que esta atitude foi válida porque nesta pesquisa o que me interessa é a percepção desses jovens sobre suas vivências. Se eu participasse deste processo poderia confundir o discurso dele com as minhas observações, o que implicaria uma maior dificuldade de estranhamento de meu objeto, visto ser este um dos grandes problemas para a realização do trabalho.

⁵⁰ A Baleeira é a única favela da cidade de Campos que possui um Posto de Policiamento Comunitário (PPC). Segundo noticiário da cidade, o posto surgiu com o objetivo de inibir a “ação de vândalos” no Cemitério do Cajú e para conter a violência no local. Fonte: site da prefeitura de Campos dos Goytacazes: <http://www.campos.rj.gov.br/noticia.php?id=5175> (último acesso: 22 de julho de 2010). Anexo 8.

favela e não se comunicam com os moradores. As incursões para apreensão de traficantes, armas e drogas, são feitas por policiais que não fazem plantões na favela para que não ocorram confrontos diretos entre os moradores da favela, principalmente os traficantes de drogas, e os policiais de plantão no local. Estes possuem uma viatura, mas não entram na favela para realizar ações de confronto com os traficantes ou mesmo moradores, somente acionam o Batalhão Militar caso identifiquem alguma desordem, caracterizadas como brigas e tiroteio. De acordo com os relatos de uma moradora, esposa do homem que teria sido um dos “chefes” da favela, a construção serviu como símbolo para o fim da dominação arbitrária dos criminosos no local. Entretanto, para os jovens traficantes, este lugar ainda guarda uma representação do mal, e afirmam ter visões sombrias no local durante a madrugada, quando, sob o efeito das drogas e da escuridão, ocorrem os delírios, fruto do medo que o lugar representa:

O posto da polícia é onde teve as primeiras mortes da favela. Até os meninos fala que às vezes aqui na esquina os outros fica olhando e fala que tá vendo coisa, entendeu? Mas, às vezes é porque o cara tá na onda, tá doidão, ai o cara fica lá. Mas eu vo falar pra você, é a cisma mesmo. Eu fiquei aqui no bar com ele aqui, ontem, anteontem, fiquei aqui no bar aqui até de madrugada, que segunda feira deu um movimento bom aqui e tava fazendo dinheiro e to ajudando ele ali. E eu tinha comprado umas bebidas. E eu ia até la na esquina e ele ia junto comigo. Eu sentado lá eu vejo que os meninos ficam assim pra lá ó. Aí tem hora que eles param e ficam assim, tipo assim, aí eu vou olhar, ai eu levanto porque eu sou o único que fico assim, eu fico sentado normal. Eles não, eles já tão na onda, ai ficam assim olhando, ai fica olhando, vai andando. Ai eu falei assim: vo olhar. Aí eu fico olhando assim, rapaz, não tem nada lá não. Rapaz ai os outros vê tudo. Porque aqui é encruzilhada. Madrugada. Tudo de ruim ta aqui. Ai o lugar que mais morreu gente aqui, até minha esposa já perdeu parente lá

dentro, então você olha pra lá, é uma coisa que é pesada. Ai a pessoa também já tá pesada você vê o que, vai vê de tudo. Por causa da onda deles mesmo. Não tem nada lá, neguinho não ta vendo nada. Mas eles tão cismado que tem alguma coisa.

Para os jovens entrevistados, o posto policial foi capaz de conter os assassinatos na favela, mas não inibir as atividades de vendas das drogas. Entretanto, segundo eles, os crimes não acontecem mais a qualquer momento, pois isto pode implicar em incursão policial e na quebra da “atividade”. Os policiais, como os traficantes inimigos, são chamados de “vermes” ou “alemão”⁵¹.

Melhorou eu acredito em relação mais a morte. Porque antigamente a morte, se matava mais. (...) Chegava qualquer um aqui e perguntava: “Você é da onde maluco?”. “Ah, eu moro em Guarus”. Nego panhava e matava. Hoje não é assim. Nego pensa duas vezes antes de matar, porque a vida é uma só e quando isso acontece o posto avisa lá pros vermes e eles invadi.

Entrevistadora: O que você acha do posto policial?

Entrevistado: Hum, nada, não diz nada.

Entrevistadora: Eles atrapalham?

Entrevistado: Qui, só no começo que eles

esculachavam morador, mas trocou de plantão, mudou a

polícia.

Entrevistadora: Porque colocaram o posto ali?

Entrevistado: Muitos dizem que estava acontecendo muita

morte, não sei direito te informar.

Era muita morte, muita morte, muita morte. Na moral, esse DPO aí salvou muita vida. Por que agora nego ouve um tiro ali e já passa um fio pra DP de lá e avisa. Era várias tretas mano, às vezes é vagabundo que erra, não tinha hora pra matar não, essa hora assim mesmo (à tarde) ó... hoje em dia se for para

⁵¹ “Alemão” é o inimigo dos traficantes de drogas. Na favela Baleeira, os principais inimigos são os traficantes da favela Tira-Gosto, seguidos da polícia.

morrer alguém, morre atolado, morre enforcado, não dá tiro não, se for dar tiro leva pra lá sabe – balançou a mão como se quisesse sinalizar um lugar bem longe. Aqui já não tem como fazer mais isso.

Ele, aquele postinho ali, tá ali... tá ali... mano é mais atividade com os PMs que vem lá da Tira-Gosto, de Goytacazes, de lá de fora. Entrevistadora: Porque, os daqui são tranqüilos? Entrevistado: Neguinho, eles tá ali, não fecham, mas também não perturbam. Eles ficam ali.

Por ocasião da troca do plantão policial, a viatura da policia passa nas proximidades da “boca”. Algumas vezes observei que com a aproximação dos policiais os jovens sentavam-se na calçada ou em bancos e evitavam conversas na tentativa de dissimular qualquer comportamento que indicasse a venda de drogas. Em outras ocasiões observei que os jovens ao perceberem a passagem da viatura policial pela “boca” corriam e tentavam esconder a droga embaixo de pedras e nos buracos dos muros. Segundo eles, nem sempre os policiais destinam as delegacias as drogas, dinheiro e armas apreendidas na favela.

Polícia é foda. Às vezes eles cavam tudo para achar coisa aqui e na Tira Gosto, e não acham nada, vão ali e pegam um cara que tá tranqüilo, eles enquadram, bate e bota droga no carro e diz que é do maluco. Como que cé fala que não é seu? Pô, ela pega tu com uma paradinha e já quer esculachar, tipo que pegou com um quilo. Uma treta do caralho.

Polícia é foda. Chega na madrugada ai e pode esculachar, pode forjar. Tem que ter respeito. Eu tenho, malandro. Pelo poder e porque eles são autoridade. Se eles forjarem um negócio nas minhas costas já era.

Neste sentido, em determinadas situações o “respeito” a polícia está associado a possibilidade de ser incriminado ilegalmente. Entretanto, o ódio em

relação a todos eles é latente e revelado por todos os jovens através de expressões como “vermes”, “inimigos”, “filhos da puta”. Uma frase dita por um destes jovens expressa claramente a relação estabelecida entre eles e a polícia: “*polícia é inimigo, joga no time contra, então tudo que ele fizer não vai te beneficiar, a gente sempre desconfia*”.

O envolvimento com a “*atividade do tráfico*” proporciona a estes jovens o acesso a grandes quantidades de diferentes tipos de drogas. Este fato influencia o consumo de drogas pelos jovens, seja no sentido de afastá-los dela ou de aproximá-los. A possibilidade de o consumo de drogas atrapalhar o desenvolvimento do trabalho foi o argumento utilizado pelo gerente para afirmar que não o faz neste momento. Entretanto, a posse da mesma e a possibilidade de retirar o pagamento do plantão em drogas foi o argumento utilizado por outros jovens para afirmarem que consomem mais quando estão na “*atividade*”. De acordo com os relatos dos jovens, quando o vício atrapalha o trabalho, eles são afastados e punidos. Em sua maioria expressaram também o desejo de não consumirem mais drogas, pois estas podem vir a prejudicá-los futuramente na aquisição de um emprego formal.

Entrevistadora: Você usa drogas? Entrevistado: Uso.
Entrevistadora: Qual? Entrevistado: Cocaína.
Entrevistadora: Você se acha dependente? Entrevistado: Não. Eu uso assim, vamos botar, hoje, ai se eu quiser, se eu quiser não, eu uso assim mais em ocasião. Às vezes você pára com os amigos vendo um jogo, ta bebendo e você ali acaba indo. Ou então, às vezes eu saio de madrugada na rua, coisa que é muito raro. Mas eu sei que hoje em dia eu não posso depender disso, porque a minha visão, eu querendo mudar minha história de vida eu sei que de repente cismar de entrar nisso assim, de querer voltar meu ritmo, vamos botar, hoje, daqui ha dois dias de novo, daqui a três dias de novo, se eu quiser voltar a esse ritmo, uma hora vão me chamar para fazer um exame numa empresa e eu vou perder cara. Porque isso são sete dias

dentro do organismo da pessoa. Por isso que é mais final de semana, porque eu sei que eu não posso ficar com isso. Você pode perguntar, crack eu só fumei lá dentro e maconha tem muitos anos que eu não fumo. Muitos anos mesmo. Deve ter uns 5, 6 anos que eu não fumo. Desde que eu saí lá, é, deve ter uns 4 anos. Antes de sair de lá dentro eu já tinha parado. Vai fazer uns 5 anos. Também tem o negócio do tranco na favela. Não dá pra usar e esculachar o movimento. Tem que tomar cuidado, senão nego te passa a perna porque você tá doidão.

Entrevistadora: Você usa drogas? Entrevistado: Uso. Entrevistadora: Você usa o que? Entrevistado: Maconha. Mas eu não pretendo viver nisso, viver com isso, entendeu. Então em relação à sociedade, eu não pretendo mais viver com isso porque eu acho que vai me prender, vai me prejudicar amanhã ou depois vai me prejudicar. Mas eu também não me considero uma pessoa dependente química disso não. Já vivi muito mais isso, muito mais, já tive uma quantidade grande na minha mão e isso nunca me fez, nunca fez meus olhos, nunca fez minha mente.

Entrevistadora: Você é viciado? Entrevistado: Graças a Deus não, em cocaína não. Entrevistadora: Mas em maconha você é? Entrevistado: Maconha sô. Eu fumo um cigarro. Entrevistadora: Mas você se considera um viciado? Entrevistado: Pô, na moral, sô... (silêncio). Mas sujeito tem a droga ali na mão por doze horas e não resiste. Além disso, se a boca não rendeu muito você pega em bagulho mesmo, aí cê já consome sua parte. É foda.

Durante os plantões, os jovens “vapores” afirmaram receber entre R\$20,00 e R\$30,00 reais por plantão. Um jovem relatou que este quantia equivale à uma hora de trabalho. “Você pode vender muito ou nada, vendendo

ou não vendendo você ganha a mesma coisa. Quando não vende e não tem dinheiro você recebe em droga e pode passar depois ou tenta vender ali na outra favela com o vapor". Durante o "trabalho" também devem estar atentos a presença do "alemão", seja ele o inimigo de outra favela ou a polícia.

Os entrevistados, quando indagados sobre o envolvimento dos jovens de um modo geral com tráfico de drogas, se distanciaram de suas experiências pessoais. As explicações utilizadas culpabilizavam os pais por não darem atenção a seus filhos, principalmente as mães, vistas como as grandes responsáveis pelo cuidado dos filhos e por serem muitas vezes as únicas responsáveis pela criação dos mesmos devido ao abandono do pai. As mães que se envolvem com muitos homens são vistas como as que mais influenciam o envolvimento dos filhos com o tráfico, pois deixam de se importar com estes para "dar mais valor as relações amorosas"⁵². Outro argumento utilizado foi a convivência com os traficantes nas ruas da favela no dia-a-dia, que gera encantamentos relacionados à possibilidade de adquirirem bens materiais com o dinheiro recebido através do tráfico e que se inicia através de pequenos favores prestados aos traficantes. Por outro lado, alguns relatos reproduziram um discurso que atribui o envolvimento de jovens da favela com o tráfico a fatores considerados externos a "atividade", como o preconceito relacionado a sua cor e local de moradia⁵³.

(...) Porque eles vão crescendo, eles chegam ali na esquina e vêem um menino com um tênis da moda. ... Então, às vezes, isso daí fascina muito agente. Muitos acham que não, mas fascina. O poder de arma grande, o poder de arma, poder de droga, poder de dinheiro, se vestir, isso fascina muito agente.

⁵² Aqui se confirma o papel social da mãe, baseado num modelo de família patriarcal, desenvolvido por Gilberto Freire (1975), em que a esta é atribuída a função de cuidar do lar e dos filhos (LIMA, 2007; LIMA, 2009; LIMA & SOUZA, 2009).

⁵³ Alba Zaluar (1985), em estudo realizado na favela Cidade de Deus no Rio de Janeiro, identificou na fala dos jovens que a grande maioria atribui ao preconceito e a imagem negativa dos moradores de locais considerados antros de marginais e bandidos os fatores que mais criam obstáculos à obtenção de um emprego formal e que influenciam a inclinação para o crime.

A criança fica aí, aí traficante vai lá e diz assim: “vai ali comprar um lanche para mim”. Aí o menino vai ali comprar um lanche, vai lá da uns 20 reais a criança de uns 10, 12 anos pra comprar um lanche dez horas da noite. Daqui a pouco o menino acha que aquela pessoa é amigo dele por aquilo, tá do lado dele meia noite, uma hora da manha. “Vai ali comprar um cigarro para mim ali na rua ali”. Ai daqui a pouco “ó leva essa maconha para mim na casa de fulano que fulano ta aguardando”. Ai a pessoa vai ganhando 20 molinho aqui, mais 10 molinho ali, ele vai ver que amanhã ou depois se ele trabalhar na boca vai valer à pena, sendo que quando ele for ter consciência do que ele tá fazendo, talvez seja tarde. Mas mais por causa de que, de uma influência, de um trabalho. Eles acham, eu não to julgando que aqui as pessoas são ruim, mas querendo ou não, eles vê as pessoas como uma pessoa boa porque são quem ajuda eles, entendeu, são quem ajuda.

As crianças que são criadas aqui dentro, eu vejo ali, muitas das vezes pai já morreu ou o pai tá preso ai a mãe de repente não liga muito para os filhos, o filho fica andando para cima e para baixo, não vai para a escola. Ou, pelo contrário, o filho vê a mãe hoje com um dentro de casa, amanhã vai vê com outro, depois vai ver com outro. Ai a criança não tem direito de comer. Ter tem, por que hoje em dia é difícil passar fome, mas não tem de repente o necessário para a criança se alimentar. Ai passa disso daí, ai daqui a pouco chega a criança e vai pra escola e muitas das vezes encontra as crianças daqui de dentro, praticamente como se tivesse aqui dentro que eu vejo o comentários ai. Quando vai ver tá crescendo, ta vendo todo mundo bem vestido, com dinheiro que vem da boca. Ai o cara chega e vai ali, os traficantes muitas vezes não quer, mas infelizmente tem um ou outro que não pensa nas crianças não.

Não é filho dele. Amanhã, depois se morrer novinho não quer nem saber.

Entretanto, o envolvimento de todos esses jovens se deu por motivos que não estão relacionados aos que eles relataram anteriormente. Um “vapor” disse que se envolveu devido a revolta que sentia pela morte de seu pai, assassinado pelo “alemão” quando ele tinha seis anos. Sua “família” desconhece o seu envolvimento com o tráfico. Ele mora com a mãe, a irmã e dois sobrinhos, filhos desta irmã. Disse que através do tráfico tenta compensar a morte do pai, “mesmo que seja apenas vendendo mais drogas que os alemão”. Satisfaz-se com o sentimento de que está causando uma perda financeira ao grupo rival, do qual alimenta um ódio e desejo de confronto.

Entrevistado: Eu só ajudo mesmo, mas me revolta sabe... Mataram meu pai. Acharam que ele era um bandido. Eles matam assim. Entrevistadora: Quem matou? Entrevistado: Os “alemão”. Entrevistadora: Polícia ou gente de outra favela? Entrevistado: Os alemão inimigo. Não foi polícia não. Mas ela chegou depois e nem deu idéia. É tudo filho da puta também. Mas agora eu ajudo aqui a vender mais droga do que lá. Eu odeio eles, só em vender mais dá uma alegria. Quando encontrar – com os inimigos - vou fazer a festa. Não sei quem matou meu pai, mas sei que foi gente de lá – da favela Tira Gosto. Agora não quero nem saber.

Outro jovem entrevistado, ao falar sobre sua iniciação na “atividade”, mencionou a sua relação com outro “vapor”. Falou das suas idas a “boca”, quando encontrava os “amigos” que trabalhavam no local. Em uma destas ocasiões, conversava com um “vapor”, quando este pediu que ele desse uma “força” recebendo o dinheiro dos compradores de drogas. Destacou que sua presença constante na “boca” e seu “jeito discreto” foi fundamental para que os “caras” adquirissem confiança nele e o considerassem um “coringa”, assumindo a função de “vapor” sempre que fosse necessário substituir outro traficante. Disse ainda ser um cara “muito bom de coração”, “carinhoso” e

“atencioso com as pessoas”, que entrou nessa vida por adrenalina, revolta e por sentir que tem a obrigação de ajudar sua família na “atividade do tráfico”, pois estes o ajudam sempre que precisa.

Entrevistado: Eu entrei por impulso de jovem até por um pouco de revolta que eu tinha no momento. Entrevistadora: Revolta de que? Entrevistado: Revolta de revolta mesmo, da vida. E agora por causa da família mesmo. Se eu recebo a ajuda deles – financeira – tenho que fortalecer. É família, não dá pra negar.

O “gerente” sabia que eu tinha conhecimento sobre sua participação no tráfico e mesmo assim disse que apenas “fortalecia”. Um mês depois da primeira entrevista, ao conversar com ele, tive conhecimento do seu novo “cargo” de “gerente do branco”. Ele disse que isso aconteceu por causa da “necessidade do momento”, de recrutamento de novo “gerente”, pois vários “parceiros” (os parentes) haviam sido presos e ele era o próximo a ocupar a “chefia”. Como parente do “chefe” e ajudante, recebia dinheiro pelo trabalho esporádico recolhendo dinheiro e distribuindo drogas nas “bocas” da favela. Após assumir o cargo de “gerente” passou a receber oficialmente o valor referente à função.

A primeira vez que o “gerente” trabalhou para o tráfico foi a pedido de um “vapor”. Na ocasião ele pediu que assumisse a função enquanto tomava um banho. A partir deste primeiro dia foi chamado diversas vezes para trabalhar por algumas horas. Tempos depois se mudou para a favela, e como morador estabeleceu uma relação de amizade e confiança com os outros traficantes locais. Esteve preso por um ano e meio e após ser libertado começou a namorar sua esposa, que engravidou meses depois. Eles se casaram e ele passou oficialmente a fazer parte da família que comanda o tráfico no local. A ocupação do posto de “gerente” só foi possível após se casar com a filha do primeiro “chefe” do tráfico e antigo “dono da favela”.

Pude observar ao longo dos anos de realização de pesquisas nesta favela uma crescente participação de integrantes cada vez mais jovens na estrutura

do tráfico, devido às constantes mudanças na escala de poder, influenciadas pela prisão de outros traficantes do local, principalmente aqueles que possuíam cargos de chefia. Isso fez com que homens cada vez mais jovens assumissem cargos e funções no tráfico de drogas da favela.

Quando questionados sobre as formas de punições não posicionaram-se como executores de crimes violentos, apenas como expectadores. Disseram já ter assistido assassinatos⁵⁴ e devido a isso alguns ficaram “*desnorteados*”, sem dormir por um tempo, mas todos disseram nunca terem realizado tal prática. A única prática ilícita por eles assumida foi a venda de drogas, considerando que esta em si não é violenta, apesar de ilegal, tentando abstrair-se assim do estereótipo de homens violentos.

Para o “*gerente*”, o desligamento de tal “*atividade*” só será possível se conseguir estabelecer moradia em outro local e, por conseguinte, se romper com os laços familiares. Além disto, acredita que ele e seus amigos do tráfico terão dificuldade em encontrar emprego não apenas pela inexistência ou formação profissional não qualificada, mas também por serem oriundos da favela. Este discurso também aparece nas falas daqueles que não possuem vínculos de parentesco com o “*chefe*” do tráfico.

O jovem parente do “*chefe do tráfico*” disse pagar todas as suas despesas, da mulher e do filho com o dinheiro adquirido na “*atividade*”. Diferentemente deste caso, os demais jovens disseram que as famílias não aceitam o dinheiro que recebem da “*atividade*”. Falaram que gastam com a compra de objetos pessoais, jogos de internet e alimentos que não tem em casa, como biscoito, hambúrguer e refrigerantes, pois “*o dinheiro não é lá grande coisa*”. Afirmaram que ganham “*muito pouco*” e o “*grande lucro*” fica concentrado nas mãos do “*chefe*”.

Dentro de casa não posso, porque minha mãe sabe que eu não trabalho e qualquer dinheiro que arrumo é de coisa errada.

⁵⁴ Estes fatos foram narrados como “*mortes comuns*”, onde a pessoa foi “*assassinada com tiro*”.

O dinheiro que entra eu como o que tenho vontade. Quando to de plantão eu como muito, muito mesmo.

Os jovens expressaram arrependimento e vontade de sair desta “atividade” e da conseqüente rede de relacionamentos. Um deles relatou que todos “querem uma vida melhor, que ninguém quer ficar virando noite e dia, ficar vigiando, andar vigiando na rua”. Entretanto, a vontade de sair não possui uma referência efetiva, muitos deles possuem parentes envolvidos com a “atividade do tráfico” que nunca conseguiram sair, o que corresponde a uma interrupção da relação com o universo que envolve as drogas ilegais, em comum acordo com o desligamento do grupo ou do ambiente associado a esta prática (CECCHETTO, 2004).

Entrevistado: Me arrependo. Porra mano, eu to nessa vida por causa do bagulho - dinheiro. Entrevistadora: Então você tem vontade de sair? Entrevistado: Muita. Às vezes você tem que sair do ambiente, aí ninguém vai me pedir. Às vezes o sujeito sai de casa, aí passa um amigo e...

O jovem que assumiu a função de “gerente do branco” disse que largou a primeira vez a “atividade” porque presenciou um fato em sua casa que o fez pensar se compensaria participar do tráfico. O tio de sua mulher chegou a casa dele e subiu no telhado para pegar “uma coisa” (droga). Quando estava subindo, caiu uma fagulha do cigarro de maconha no colchão onde estava seu filho. Quando este viu o colchão queimado começou a imitar tiros no local. Naquele momento ele percebeu que seu filho já estava sabendo coisa demais sobre drogas e tráfico e ele não deveria continuar. Mas devido à prisão de muitas pessoas de confiança na favela, ele teve que voltar a trabalhar no tráfico.

2.2 – Os “*meninos*”⁵⁵, as “*minas*”, os “*caras*”⁵⁶ e “*o alemão*”: relações de aliança e oposição

Os círculos de relacionamentos dos jovens entrevistados resumem-se à família, entendendo esta como as pessoas do mesmo sangue em quem se pode confiar (SARTI, 1996) e os amigos. De acordo com estudos realizados por Feital (1999), a família nuclear, composta pelo pai, a mãe e os filhos, não é mais a base fundamental para o desenvolvimento dos jovens, pois a própria construção da família tem sido bem diversificada. Isto não implica uma inferiorização do poder de influência da família, nem de sua importância na vida dos jovens, pois esta se define em torno de um eixo moral e de uma rede de obrigações que se estabelece com os indivíduos considerados como pertencentes à família. Conforme já observado em pesquisa anterior (SOUZA, 2007), a família não significa para esses jovens morar com os pais biológicos e sim estabelecer relações que envolvem carinho e atenção, e ultrapassam as restrições em relação às atividades as quais estão envolvidos, que pode vir da relação com outros familiares ou responsáveis e não somente dos pais.

O contato com os outros parentes é raro entre os jovens. Isso ocorre porque muitos não aceitam a realidade vivida por eles e não querem contato com traficantes de drogas. O que limita este contato é também o território onde estes jovens podem circular. Alguns possuem parentes em outros bairros, mas por este motivo, não o visitam.

Eu vou falar para você, alguns têm muito preconceito comigo, por eu ter escolhido viver dentro de uma comunidade carente. Hoje em dia minha família até aceita eu viver aqui dentro, mas eu não tenho visita de parente.

(...) Ai na outra rua tinha esse primo. Eu fui na casa dele quarta feira passada. Ele ta casado. Ai eu tava lá conversando com ele porque ele trabalha, conseguiu se estruturar na vida,

⁵⁵ Expressão utilizada pelas mulheres mais velhas moradoras da favela ao se referirem aos jovens que trabalham no tráfico de drogas da favela Baleeira.

⁵⁶ Expressão utilizada pelos jovens para se referirem aos amigos, principalmente os homens mais velhos.

trabalhando, essas coisas. Ai ele tava conversando comigo para me ajudar. Até ele tá me dando muita força pra mim poder eu arrumar um serviço. Tava conversando com ele para ele me ajudar. Quando nós descemos do apartamento dele, que nós chegamos no portão que eu falei com ele que ia vir pra cá, ele foi e me perguntou: Você mora lá dentro mesmo negão? Você mora lá dentro mesmo? Eu falei: moro. É porque falaram para mim que você mora fora. Ai eu falei não cara, eu moro lá.

Entrevistadora: E aqui em Campos, tem parente em outro lugar? Entrevistado: Na Codim. Entrevistadora: E você vai lá? Entrevistado: Não. Aquele povo de lá, eu não gosto daquele povo de lá. Entrevistadora: Porque? Entrevistado: Porque eu não gosto pô. São inimigos.

Contrariamente, entre os jovens ligados à família que “comanda” o tráfico estabelece-se uma relação de confiança reforçada através da passagem dos postos de comando do tráfico, conforme afirmado por um jovem: “... a família, vai de geração para geração. Não chega a ir os poderes para a mão de outra pessoa entendeu? Vai passando.”

Os jovens ao falarem daqueles que foram os seus responsáveis e ou cuidadores por um período de suas vidas destacaram as mulheres, mães, avós e tias. Relataram também não dar o devido valor a estas pessoas, tendo reconhecido, com o passar do tempo, o que não fizeram por elas.

Entrevistadora: O que significa família para você? Entrevistado: Porra mano, tudo, tudo. Por causa de que tu tá amarrado, se tua mãe morrer de hoje para amanhã, eu vou ficar tonto, se minha mãe morrer de hoje para amanhã, ó, minha família mesmo é minha mãe. É só minha coroinha mesmo e minha sobrinha. Minha irmã porque é minha irmã mesmo, por causa do sangue, mas minha família mesmo é minha coroa.

Entrevistadora: Por quê? Entrevistado: Por que faz tudo pra mim, tipo assim, o que tiver ao alcance dela.

Na verdade, vou falar para você, eu não tenho muito vínculo, muito apegado. Mas é por causa que eu tenho mesmo esse defeito, infelizmente, entendeu, de ser um pouco assim seco em relação a família mesmo. Aprendi até a ter muito mais amor por minha avó, porque quando a gente é jovem, rebelde, a gente não pensa muito na vida. Eu não pensava muito na minha avó, eu achava que, agente fala coisa muito sem sentir. Hoje em dia eu sei o amor que eu tenho por ela, o carinho, o que ela fez por mim, ela foi muito importante para mim.

A primeira pessoa que eu posso contar é minha mãe, e depois é minha tia. Porque minha tia me criou. Quando minha mãe foi morar no Rio eu fiquei com ela. Se eu pudesse eu tava com ela até hoje. Entrevistadora: E porque não está? Entrevistado: Porque eu não gosto do filho dela.

Entretanto, a relação conflituosa com o pai ou a ausência deste parece implicar a falta de referência daquele que deveria ser o “*dono da casa*”, o provedor do lar. Um deles não sabe quem é seu pai, e quando questionado sobre o fato, disse somente que não o conhece e nem faz idéia de quem seja, e que sua mãe nunca conversou sobre isso com ele. Outro jovem teve o pai assassinado quando tinha seis anos de idade e só se lembra de alguns momentos em que o pai brincava dentro de casa com ele. Outro ainda só tem lembranças de um pai que não era presente em casa e quando se separou de sua mãe não manteve uma relação muito próxima, apesar de visitá-lo esporadicamente. Neste sentido, a representação do papel de pai como provedor do lar, símbolo de poder e exemplo de masculinidade, e o não cumprimento deste papel pelos pais destes jovens faz com que o assunto incomode a todos. As respostas foram dadas em tom de revolta e raiva, com alteração do volume da voz.

Meu pai é maior pela saco. Maior comédia. Entrevistadora: Por quê? Entrevistado: Na moral, cara tem que ser sujeito homem. Não é porque ele nunca me deu nada, é porque um dia eu fui ver ele, e ele conheceu uma puta num dia e no outro já saiu com ela. E eu fui pedir dinheiro pra comprar um picolé e ele disse que não tinha, mas deu pra puta. Meu pai é um desgraçado, um desgraçado mesmo, aí, já mandou, eu vô deixar de dar coisa pro meu filho pra dar coisa para uma puta, maluco? Entrevistadora: Sua relação com ele, como é? Entrevistado: Nunca foi boa não, causa de que ele nunca me deu nada. Tipo, falava com ele por falar mesmo. Acho que agora ele já ta solto. Mas vô falar como falam lá mesmo, meu pai é maior parasita. Entrevistadora: O que é ser parasita? Entrevistado: Os moleques que falavam isso lá. Eu sei que é coisa feia porque eu falei com meu irmão e ele pirou comigo. Sei que é coisa feia. Não sei se é vagabundo, preguiçoso.

Porque meu pai foi desde quando eu nasci, eu lembro, meu pai foi, meu pai hoje em dia, eu acho que tem 13 ou 14 anos que ele é de igreja, evangélico. Então eu acho que, eu só conheci meu pai na época de problema mesmo. Meu pai era envolvido com drogas, envolvido com roubo, envolvido com tudo na época. Aí, assim, eu cresci vendo aquilo. Eu chegando da escola e meu pai aparecendo. Aí, por outro lado, meu pai sumia, passava oito meses, um ano sumido, depois aparecia do nada. Então, minha vida, assim, eu cresci muito com ele assim. Eu não tive assim, muita lembrança dele de pai e às vezes nem muito respeito por ele como pai. Se eu convivesse mais com ele, se eu tivesse mais um pai do lado, eu acho que talvez eu não seria, não teria passado o que eu passei. Não julgo ele, não culpo ele. Acho que, desde uma certa idade, eu já tava consciente do que eu tava fazendo, mas eu acho que a ausência do meu pai na minha vida acho que influenciou muito

para poder eu passar o que eu passei. Mas por outro lado também eu levo como um exemplo. Passei o que eu passei, eu levo assim, não sei se é verdade, ou se a minha visão tá errada, ou se eu to pensando errado, mas eu levo mais ou menos assim, passei de repente para outra pessoa não passar. Talvez a minha família, o meu irmão mais novo. Outras pessoas vêem o sofrimento da minha família.

Dos quatro jovens entrevistados ao longo desta pesquisa na favela, dois já têm filhos e estão morando com as mães destes, constituindo o que eles chamam de “*minha família*”, que ele deve ser o provedor. Um deles mora com a esposa e o filho em uma casa. O outro mora com outros familiares na mesma casa em que está com a esposa e o filho. Todos os dois têm filhos homens, o que contribui para o desejo de constituição de um modelo de pai que seja exemplo para estes futuros homens. Além disso, receiam não poder criar os filhos pelo iminente perigo de morrerem e não vê-los crescer.

Eu considero, na minha visão, uma relação muito boa, mas eu acho que eu posso melhorar ainda muito mais como pai. Eu sempre pensei assim, eu quero ser um pai como eu não tive.

Entrevistadora: Você tem medo de alguma coisa? Entrevistado: De amanhã ou depois não conseguir criar meu filho.

Entrevistadora: Você acha que não poderia criar ele porque?

Entrevistado: Sei lá, ocasiões da vida. Sei lá, acidente, morte morrida.

Relacionado à criação dos filhos está o desejo destes jovens pais de sair da favela para que os mesmos não sejam influenciados pelo local de moradia e o contato com os traficantes, muitos familiares próximos.

Entrevistadora: Você falou que não quer criar seu filho aqui. Porque? Entrevistado: Por que eu acho que a oportunidade que ele, amanhã ou depois, de se envolver com algo aqui dentro aqui vai ser bem maior. Tem gente que é criado aqui,

mas não tem. Mas a família do meu filho é toda praticamente envolvida com isso cara. Toda envolvida a família cara. Então, muitas vezes eles acham normal. Não deixam ver. Mas a gente por descuido deixa. Eu vi relato do meu cunhado que, os dois cunhados meus, no caso um que é irmão da minha esposa mesmo de sangue e o outro é irmão adotivo do tio dela. E os dois cunhados com dez, onze anos acharam a pistola do tio deles aqui. Achou a pistola guardada dentro de casa, sem o pente, lógico, que eles tiravam o pente, guardavam o pente e deixavam a pistola guardada em outro lugar. Eles acharam a pistola e ficaram mexendo, eles com dez, onze anos. Então, a oportunidade de amanhã ou depois isso acontecer vai ser muita. Deles dobrarem aqui em casa, como hoje em dia isso já acontece, do moleque dobrar e ver a pessoa armada ali na rua vai ser bem maior do que para quem tá lá fora.

Entrevistadora: Você acha que vai mudar isso para o seu filho de que forma? Entrevistado: Eu criando ele, eu tendo a oportunidade de criar ele fora da comunidade. Entrevistadora: Você sairia daqui? Entrevistado: Sairia. Mas não abandonaria a minha raiz. A minha raiz aqui dentro, isso eu não consigo não. Já tentei já, de esquecer um pouco, de tentar viver uma outra vida. Não tentei sair assim, não cheguei a sair, mas em pensar já foi algo que já me torturou um pouco, até pela minha esposa, ela tem raiz aqui dentro, ela não abandonaria. Ela pensa assim em morar aqui perto. Ela pensa também em morar aqui por perto, mas não exatamente aqui dentro. Eu acho que mais, não tem aquele velho ditado, o que os olhos não vêem o coração não sente? É mais ou menos por esse caso. Ele vai saber que ele tem, amanhã ou depois, quando ele tiver doze anos sei lá, ele vai entender que ele tem um tio que mexe, é traficante, vai entender que de repente o avô dele, amanhã ou depois não sei

se ele vai tá nisso daí ainda, que ele já tá com quarenta. Acho que não. Vai ver parente, querendo ou não, a família.

A referência às mulheres, chamadas de “*minas*”, sejam elas namoradas ou esposas, é marcada pela frieza e desconfiança. Isto porque relataram que a maior parte das brigas na favela ocorre por causa de mulher, de traições motivadas pelo descaso das mesmas com os seus parceiros. Neste sentido, tomam extremo cuidado para não se envolverem com mulheres comprometidas, principalmente com bandidos, e não confiam naquelas com as quais possuem compromisso. Disseram que muitas delas se envolvem com outros homens porque sabem que seus companheiros a traem, principalmente os traficantes que, devido ao poder que possuem, atraem diversas mulheres, inclusive “*patricinhas*”⁵⁷. Um deles relatou que quando chegou à favela foi avisado que qualquer envolvimento com mulher comprometida o levaria a morte. Isto fez com que ele se afastasse das mulheres da favela, vindo a ter uma relação com a atual esposa muito tempo depois. Além disso, as mulheres são atribuídas os papéis de “*inconseqüentes*” e “*abusadas*”, que querem levar o homem para o “*buraco*” porque não pensam nas conseqüências de seus atos, além de quererem se envolver com traficantes pelo poder que possuem e representam, além de serem desqualificadas como feias, através de uma expressão local muito utilizada para descrever esta característica: “*cabeça de chuteira*”.

Quando eu passei a vir prá cá era mais novinho, mais bonitinho, tipo assim, tinha um pouco mais de assédio. Aí tem mulheres que não pensam em você, às vezes tem um marido que é traficante, que é bandido, tal, tem muito mal exemplo no crime. Você não pode, o bandido não pode ser traído, vai ter que matar o cara. Então, assim, eu entrei e logo de cara, meses aqui dentro que eu tinha, uma pessoa chegou para mim e falou: Oh, essa aqui é minha esposa, ta chegando hoje do Rio e essas aqui são minhas filhas. Ai eu fiquei sem entender.

⁵⁷ Mulheres jovens de classe média alta.

Causa de quê isso? To te falando para você não entrar no caminho. Tem uns comentário falando que você é uma gracinha, não sei o que. Eu falei não, não quero nem saber. Ai eu peguei o foco de mais ou menos não querer, entendeu, não querer saber de mulher aqui dentro. O meu foco não era esse.

Eu conheço gente que passou, mulheres até, a maioria são mulheres, que se envolve com pessoa aí pelo poder, pelo nome da pessoa. Não pela pessoa. Não chegar e falar assim, poxa fulano gostei daquele cara ali por que não sei que. Mas se descobrir que aquele cara não é ninguém ela não quer saber. Ela quer saber de fulano de tal. Teve umas meninas que apareceram do nada aí, que sujeito às vezes chegava e perguntava: “É quem aquela menina rodando aí?” “Apareceu aqui procurando fulano aí ó. Tá querendo saber quem é fulano.” Querendo saber quem é fulano. Não sabe nem quem é. Mas é um nome que ouviu falar lá fora, quer vim conhecer. Assim, é um mundo que fascina.

Entrevistado: A primeira vez que eu vi um cara morrer o primeiro tiro que ele levou foi no ovo. Sinistro! Entrevistadora: Mas por quê? Entrevistado: Mexeu com mulher de amigo. Queimaram o corpo dele e até hoje a mãe dele não sabe onde ta.

Essas mina ai – em quem se pode confiar – são poucas, que te ajuda a sair, a arrumar um bagulho. Tem umas mina aqui que pô... Teve uma época aí que fui com uma mina ai que tava me levando pro buraco. Todo dia queria cheirar, aí tava me levando por buraco, tava me derramando, me derramando legal.

As relações mais íntimas estabelecidas pelos jovens são com os amigos considerados “parceiros”. Todos relataram que seus melhores amigos estão na

Baleeira e apenas um disse que chegou a ter amigos fora da favela, mas que estes o abandonaram quando ele entrou para o tráfico. Somente um jovem relatou que possui total desconfiança com a amizade de outros “bandidos” (“Amizade de bandido é na sola do pé”), pois seu melhor amigo, um primo que morava na favela, foi assassinado pelos traficantes porque “fechou com os alemão”. Ele estava participando do tráfico na favela rival e foi descoberto. A punição para o delito foi a morte.

Entrevistadora: O que é amizade para você? Entrevistado: Algo que se conquista. Entrevistadora: Quem são seus amigos? Entrevistado: Aqui dentro? Entrevistadora: É. Meus amigos que eu posso dizer? Entrevistadora: Quem são seus amigos? Entrevistado: Eu tenho, sei lá, alguns colegas, amigo pra mim aqui dentro só um. Entrevistadora: Quem? Entrevistado: O cara que eu trabalhei pra ele. Meu amigo. Foi a pessoa que eu vi três vezes aqui dentro da favela que eu ia morrer por causa de fofoca dos outros: rapaz, mete o pé que cê vai morrer, os caras vão te matar hoje. Aí eu cheguei pra ele e conversei com ele e ele falou: cê acredita ne mim? É um cara que cê vê uma pureza, uma pureza tipo assim, eu vi o olho dele nos meus olhos mesmo, entendeu, como se fosse um laço mesmo. E ele sempre falou isso comigo. Entrevistadora: Ele tá vivo? Entrevistado: Tá. Passou do nosso lado naquele dia lá. Parou pra falar comigo do meu lado. Pediu pra pegar a bicicleta da minha afilhada lá. Entendeu, tipo assim, então ele é uma pessoa que ensinou muita coisa e eu assim, a parte dele pra mim cara, é um cara tão importante na minha vida porque eu peço a Deus pra proteger sempre ele. Eu falo que, cê vê que ele gosta tanto de mim, tanto que ele foi o incentivador de eu não voltar pra essa vida. E ele falou pra mim, ele falou que o único cara que ele tem de confiança aqui dentro sou eu. De confiança dele. Eu sei lá, tenho ele como um grande pai, ele é padrinho dela (e apontou para a esposa), ela escolheu ele

como padrinho depois de velha. E ele é padrinho do meu filho e eu sou padrinho da filha dele. Então, assim cara, são coisas que é prazerosa pra mim, o que me segura mais aqui, é uma pessoa que eu sei que posso contar aqui. E com a convivência aqui ele pediu pra mim não errar cara. Olha que idéia. Quer idéia melhor que essa. Ele falou pra mim: Rapaz cê não erra não, que se você errar eu não vou poder fazer nada. Tipo assim, se eu roubar droga de alguém, se eu panhar mulher de alguém.

Eu tive amigos lá fora que foram amigos meu assim, quando eu tinha, tinha, depois de um tempo que eu não tinha, ah porque eu não tenho. Eu vi isso com os meus próprios olhos. Então a diferença que tem aqui dentro é algo que eu acho bonito. O que eu fico chateado assim é que eu poderia dar mais – aos amigos.

Entrevistadora: Você tem amigos? Entrevistado: Tenho. Entrevistadora: Onde eles moram? Entrevistado: Na favela mesmo. Entrevistadora: Você tem amigos fora da favela? Entrevistado: Não. Entrevistadora: Porque você os considera seus amigos? Entrevistado: Porque ficam no dia-a-dia comigo.

Ao falarem da amizade com traficantes mais velhos acionam um repertório de sistemas de valores relacionados à masculinidade e virilidade, sendo estes considerados “os fodões”, “os caras”, “os homens de respeito”. Consideraram que “eles não têm medo de nada”, apesar de estarem repensando a “vida” e não matarem mais por qualquer coisa, sendo referência de “homem inteligentes”. Criados sem pai, os jovens acabam por adotar os amigos de rua, principalmente estes homens mais velhos, como tal, exemplificado: “Ele é meu amigão, é como um pai pra mim”. A amizade com jovens moradores está associada ao sentimento de pertença ao território e a formas de relações estabelecidas.

Os jovens positivam o seu território como forma de suavização de constrangimentos sociais e das limitações à circulação na cidade. Para os entrevistados, morar nesta favela “*é tudo de bom*”⁵⁸, pois é nela que eles têm a liberdade de fazer as coisas que consideram de jovens, como soltar pipa, colocar galo para brigar⁵⁹ e jogar bola, apesar da qualidade dos serviços e do equipamentos públicos a eles oferecidos serem considerada muito ruins.

Aqui tem tudo de bom pra mim né ... aqui é muito bom, só não é bom às vezes... não tem lugar para brincar, não tem uma quadra direito, ruas esburacadas, obras de fachada ha mais de um ano aí.

Pô, ruim é só quando os vermes (policiais) chega mesmo, acaba com o lazer da gente...

Além disso, consideram que as relações interpessoais estabelecidas no local têm um caráter intersticial na manutenção de um ambiente familiar baseado na lealdade e confiança, ainda que submetida as regras do tráfico. (“*Aqui tem família, os parceiros, todo mundo mano. Gosto de tudo aqui. Tipo, geral me conhece.*”). É também neste lugar que eles se sentem mais protegidos de perigos que podem vir do “*alemão*” ou de outros moradores da cidade, que manifestam preconceitos em relação aos moradores de favela.

Entrevistadora: Onde você se sente mais protegido, mais seguro? Entrevistado: Aqui mesmo, na minha casa.

Entrevistadora: Você se sente protegido aqui? Entrevistado: Muito pô. Entrevistadora: Por quem? Entrevistado: Pelos

⁵⁸ Explorando as realidades, complexidades e dificuldades dos jovens do sexo masculino de baixa renda no Brasil, Barker (2008) demonstrou como, diante das complexidades da vida destes jovens, a favela representa o lugar por excelência de socialização, produção cultural, esportiva e de convívio com outros jovens.

⁵⁹ Esta prática, também denominada de “*rinha de galo*”, é uma atividade ilícita, proibida no país desde 1934, que consiste na promoção de lutas entre dois galos em um espaço físico delimitado (DIAS, 2004). Em alguns locais são feitas apostas em dinheiro, mas nesta favela os jovens praticam esta atividade somente como forma de diversão. Muitos criam galinhas e galos em suas residências ou na casa de parentes e a posse de um galo “*bom de briga*” representa um determinado poder entre os pares que realizam a mesma atividade.

soldados pô. Primeiramente Deus e depois os soldados -homens que trabalham no tráfico de drogas - , os amigos.

Entrevistadora: Você se sente protegido aqui? Entrevistado: Me sinto. Primeiramente a Deus e depois a comunidade.

Porém, enfatizaram que o lugar carece de serviços básicos, como distribuição de água, luz e esgoto; e que os “gatos”⁶⁰ existem porque não há interesse na legalização do serviço por um preço compatível com as condições financeiras dos moradores do local.

Compreendendo o termo “*comunidade*” como uma forma que os moradores de favela utilizam em seu favor, para ressaltar as qualidades morais ali existentes, comprovadas pelo modo de vida e cultura que possuem (BIRMAN, 2008), os jovens entrevistados utilizaram este termo com referência a humildade com que todos se tratam no local, “*como iguais*”. Isto em contraposição ao que encontram nos outros territórios da cidade, onde são alvos de preconceitos. As manifestações de preconceito entre os jovens homens e mulheres foram seguidas de reações de positivação do lugar de moradia, como o território onde se pode estar em casa, sentir-se em casa, apesar dos níveis de violência e morte. Neste sentido, o território apresenta-se como um lugar imprescindível de sociabilidade juvenil (CECCHETTO & MONTEIRO, 2009).

Entrevistadora: Qual o nome do lugar onde você mora?

Entrevistado: Comunidade. Entrevistadora: Porque comunidade? Entrevistado: Porque é um monte de gente unida, por isso é comunidade.

As situações de preconceito relatadas pelos jovens vão desde o abandono da família, devido morarem em uma “*comunidade*”, até cenas de constrangimento em vias públicas, onde as pessoas atravessam a rua ou seguram seus pertences próximos ao corpo para não serem assaltados. Consideram que a discriminação é com relação ao “*favelado, pobre e preto*” e

⁶⁰ Ligação clandestina para aquisição de água, luz e canais de TV fechados.

quando perguntados sobre os lugares onde isto ocorre, eles apontaram a esquina que dá acesso a saída da favela, fazendo referência a todo lugar que não seja onde moram⁶¹.

Cê chega assim, a coisa mais fácil que tem é de você enganar a pessoas aqui dentro. A coisa mais fácil porque as pessoas não procuram se informar. Mas por preconceito na minha visão, por falta de informação. A pessoa chega ali fora ali e a pessoa logo discrimina porque é de periferia. Hoje em dia, na minha visão a discriminação já vai na cor. Você chegou, você é de cor negra, nego vai querer saber que você é. Agora você chegou de cor negra com um carrão importado, todo bem arrumado, eles vão até olhar para você com outros olhos. Agora cê chegou de cor negra, de sandália velha ali, vão querer implicar com você.

... é claro que aqui tem droga, tem arma, tem gente ruim, rapaz, mas tem muita gente boa aqui dentro, que às vezes não tem oportunidade de falar. Na minha visão, aqui dentro disso aqui, cinco anos e meio assim direto aqui dentro, fora um ano e meio que eu passei na coisa lá. Então, tipo assim, eu tenho, eu conheci legal. Aqui dentro tem muita pessoa boa, de humildade. Por que a maioria das pessoas aqui de dentro são excluídos na verdade pelos lá de fora. São excluídos.

Cabe destacar que os jovens não atribuem a sua condição de traficantes como acentuação negativa da sua condição de favelado, isto ocorre por

⁶¹ Fátima Cecchetto e Simone Monteiro também observaram, em pesquisa realizada sobre as dinâmicas de discriminação entre moças e rapazes das camadas populares do Rio de Janeiro, que, entre os homens, dentre as percepções do preconceito sofrido destacam-se a cor, o local de moradia e a aparência. Entre as meninas destaca-se o local de moradia, “que remetem ao pertencimento social e às conotações negativas da favela, associada a eventos violentos” (2009: 316). Quanto aos espaços públicos nos quais este contexto de discriminação foi vivido, a pesquisa revelou que os shoppings, agências bancárias, ruas e restaurantes foram os apontados pelos homens e mulheres entrevistados. Neles “o preconceito se traduz pelo distanciamento dos transeuntes, descaso no atendimento, perseguição e violência dos seguranças dos estabelecimentos comerciais, assim como da própria polícia, principalmente para os homens” (2009: 317).

considerarem que esta se restringe a sua conduta na favela e não a outros lugares da cidade. Por temerem confrontos com os traficantes de outras favelas, os jovens afirmam restringir-se no seu cotidiano á favela. Para “brincar” de bola, de pipa, de “baleba”⁶², freqüentam, além das ruas da favela, as quadras das favelas próximas, em companhia de outros jovens, principalmente aqueles traficantes como eles, com quem estabelecem relações mais próximas. A relação com os outros jovens da favela que não fazem parte do tráfico também ocorre e, segundo relato dos jovens, “se dá de forma normal”, no sentido de não ser diferente das relações com os que traficam. Além disso, os jovens freqüentam, na maioria das vezes sozinhos, algumas *lan houses* do bairro para jogar nos computadores. Para shows vão à Pecuária, Usina do Queimado e Folha Seca. Participam dos bailes funk que acontecem na Baleeira ou nas favelas vizinhas. Somente um dos jovens disse não gostar de ir a shows devido ao seu próprio jeito de ser e não ao envolvimento com o tráfico.

Na escola, os jovens não estabelecem relação de proximidade com os outros jovens que não conhecem, conforme relatado por um deles: “*Lá ninguém sabe onde eu moro, o que eu faço, só os parceiros da minha sala que moram aqui.*” Neste espaço, as relações são estabelecidas com as pessoas já conhecidas e mantém-se a discrição quanto ao envolvimento com o tráfico, por mais que nas escolas do local os alunos sejam, em sua maioria, moradores dos bairros próximos e mesmo das favelas. Outro fato é a pouca freqüência as aulas. Os que estudam disseram que frequentemente vão a escola, mas não assistem as aulas, ficando pelo pátio da escola “*de olho nas meninas ou conversando com os amigos*”, pois consideram as aulas “chatas”.

Em diversos momentos encontrei com estes jovens em shows nos locais por eles relatados acompanhados de outros jovens, tendo encontrado com maior freqüência foi o filho do “*chefe*” da favela. Este parece possuir um status superior em relação ao grupo que o diferencia dos demais jovens que o acompanham. Entretanto, não estabeleci um contato próximo o suficiente para

⁶² Também conhecida como bola de gude.

caracterizar este tipo de relação. Todos me cumprimentaram com um sorriso ou acenaram com a mão.

III – Os jovens traficantes e o espaço urbano da cidade

Os jovens traficantes orientam as suas práticas de sociabilidades cotidianas pelas ações do tráfico em lugares da cidade. Os entrevistados falaram das configurações dos bandos de traficantes que percorrem e demarcam determinadas localidades. Trata-se das dinâmicas sociais, que envolvem relações familiares, profissionais, de consumo e presença no espaço público, que são fundamentais no estabelecimento de uma classificação para os locais da cidade.

As favelas Baleeira e Tira Gosto são consideradas as que desenvolvem a “atividade do tráfico” de drogas de forma mais intensa⁶³, pois exercem o domínio e distribuição dos produtos para diversas favelas e concentram grande parte das ocorrências de apreensão de drogas da cidade. Neste sentido, estas duas favelas disputam a venda de drogas e domínio da cidade, dividindo-a em dois territórios principais, lado A e Lado B, este pertencente à favela Baleeira e aquele pertencente à favela Tira Gosto. As brigas entre os traficantes se iniciaram sob a orientação de compensação pela morte do chefe, recuperação do corpo e domínio da preferência dos consumidores da cidade, que se estende até os dias atuais, sem êxito na recuperação do corpo.

Entrevistadora: Quando eles – traficantes da favela Tira Gosto - vêm para cá? Entrevistado: Qui, eles não vem prá cá não, nós é que vamos pra lá, somos mais abusados. Entrevistadora: Porque? Entrevistado: Eles que começaram com tudo. Entrevistadora: Quando começou essa briga? Entrevistado: Por causa do meu tio que mataram e sumiu até hoje. Entrevistadora: E como vocês sabem que foram eles? Entrevistado: Porque o motorista que tava com eles mandou avisar que ele não ia voltar não, aí começou a galera daqui. Entrevistadora: E depois, o que vocês fizeram para dar o troco? Entrevistado: Até agora estamos só aguardando a boa.

Eu acho que a única coisa ruim é que isso daí foi de uma forma tão covarde que se iniciou isso tudo porque, isso tudo para ter trégua mesmo, trégua, eu acho que na minha visão, só mesmo se Deus quiser mesmo. Deus para acabar com tudo, fazer todo mundo mudar. Enquanto tiver o coisa – o homem que efetuou o assassinato - deles, porque a revolta é muito grande cara.

Diversos confrontos ocorridos na cidade já mobilizaram a polícia e os moradores destas localidades. Uma delas foi noticiada por um jornal da cidade.

⁶³ Quanto aos aspectos demográficos ver Tabela em anexo (Anexo 1).

No melhor estilo do Rio de Janeiro, o centro de Campos presenciou na tarde de ontem, momentos de pânico e correria provocados por brigas entre facções da Tira-Gosto e Baleeira. Os locais do enfrentamento foi a nova Praça São Salvador, o Campos Shopping e ruas próximas. Na confusão, a Polícia Militar fechou todas as entradas do shopping com viaturas e cerca de 20 policiais para evitar a fuga das gangues. Com apoio de mais 10 homens da guarda municipal, foram vasculhados todos os pavimentos, quando foram encontrados oito suspeitos escondidos no estacionamento. Outros dois foram detidos por populares enquanto fugiam pela Rua Lacerda Sobrinho.

Os policiais foram acionados pela direção do Navegar é Preciso, informando que um grupo da favela Baleeira se encontrou com outro da Tira-Gosto na praça São Salvador e resolveram se enfrentar por volta das 15h em pleno Centro da cidade. Na confusão, as gangues se agrediram, usando pedras e socos e pontapés, o que chegou até a atingir as vidraças na unidade do Navegar é Preciso, no prédio do Edifício Cidade de Campos...⁶⁴

Os jovens traficantes afirmaram demarcar o território da favela Baleeira ao definir suas fronteiras em relação aos domínios dos demais bandos de traficantes da cidade. A partir dessa divisão (lado A X lado B), marcada pelo canal Campos-Macaé, conhecido como beira-valão, que corta a cidade de Campos, os jovens disseram que diversos moradores das favelas, principalmente aqueles envolvidos com o tráfico de drogas, são impedidos de circular no território “*inimigo*”. Entretanto, encontramos nestes territórios dois lugares de intensas relações sociais: o centro da cidade, sob domínio do lado A, e a Fundação Rural de Campos, espaço de realização da maior parte das

⁶⁴ Notícia publicada pelo jornal “Monitor Campista” em 17 de maio de 2005 (Anexo 9).

grandes festas e shows da cidade, destinados principalmente aos jovens, pertencente ao lado B.

Entrevistadora: Tem a briga, mas qual a consequência disso? Vocês não podem ir a alguns lugares? Entrevistado: É, isso aí já é privado. Não é impedido, mas o pessoal daqui já não atravessa muito pra não dá confusão. Vo falar assim, passou da beira-valão para lá. Entrevistadora: E o contrário? Entrevistado: O contrário, eles também não vem para cá. Eles até vem um pouco mais para cá ainda. Entrevistadora: E se isso acontecer? Entrevistado: Se passar tem desastre né. Entrevistadora: Se vocês se encontrarem? Entrevistado: É, seria mais um desastre.

A cidade se expressa através dos efeitos que um território pode promover nos indivíduos, observável através do estilo de vida adquirido a partir da vivência em um determinado território (SIMMEL, 1979). Para os jovens entrevistados, a rivalidade entre os traficantes localizados em favelas de Campos do Goytacazes impede a circulação pela cidade, devido ao medo de ser alvo do bando inimigo.

Entrevistadora: E festa, você vai aonde? Entrevistado: Na pecuária, usina, quadrilha aqui na área. Entrevistadora: Tem alguma restrição em você morar aqui e freqüentar outros lugares? Entrevistado: Não. Entrevistadora: Seria restrição de qualquer tipo, seria as festas, os lugares fora daqui. Entrevistado: Não, porque dá problema. Entrevistadora: Que tipo de problema? Entrevistado: Porque é pô. Entrevistadora: Nem pra fazer compras, pra nada? Entrevistado: Vou à Pelinca. Entrevistadora: Qual a diferença daqui da Pelinca? Entrevistado: Porque não bate de frente com gente que a gente não gosta. Entrevistadora: Quem seria? Entrevistado: Sempre no centro dá problema. Entrevistadora: Mas quem circula por lá

que dá problema? Entrevistado: Gente de outra comunidade, no caso a Tira Gosto, isso impede a circulação.

Entrevistadora: Quando você sai, quer se divertir, quais lugares você frequenta? Entrevistado: Pecuária, Usina e Folha Seca.

Entrevistadora: Porque esses lugares? Entrevistado: Porque são perto de onde eu moro. Entrevistadora: Porque não frequenta lugares mais longe? Porque não gosto.

Entrevistadora: Não gosta? Entrevistado: Dá problema.

Entrevistadora: Com quem? Entrevistado: Com o alemão.

Entrevistadora: Então hoje em dia eu já me sinto mais liberal pra mim poder ir pro shopping, pra mim poder ir pro show. Antigamente eu já não ia mesmo. Antigamente eu era preso aqui dentro. Entrevistadora: Mas você não ia por causa do seu envolvimento na boca? Entrevistado: É, por causa do meu envolvimento na vida. Mas hoje em dia até eu envolvido na vida eu ia, eu ia pra rua, mas show eu não ia. Entrevistadora: Você sentia medo? Entrevistado: Não, não, sabe por causa de que, a realidade assim, a única vez que me reconheceram na rua foi quando eu saí cara – da prisão. Eu era totalmente diferente. Magro, bem magro.

Entrevistadora: Quais lugares você frequenta fora aqui da favela? Entrevistado: Ultimamente nem tanto, bem devagar, mas eu, frequentar assim, gosto mais, não tanto como antes, mas vira e mexe eu vou no Rio, no Maracanã. É mais isso ai pra sair pra fora, só por aqui, pro lazer do meu filho. Eu não tenho assim coisa para sair, eu pegar e ir pra algum local aqui. Diversão mesmo eu não tenho não. Eu sou mais assim de sair com as crianças.

De acordo com estes jovens, a provável presença do tráfico em determinados territórios dificulta a aquisição e permanência nos empregos⁶⁵. Alguns relataram que só imaginam conseguir um trabalho fora da cidade, em um lugar que ninguém os conheça. Entretanto, ainda assim, um deles, que não trabalha mais para o tráfico, afirmou trabalhar como ajudante de pedreiro

Entrevistadora: Você acha que tem condições de arrumar um emprego lá fora? Entrevistado: Na moral, porra maluco, eu acho que tenho, não sei, não sei. Porra mano, na moral, eu tenho medo, tá lá no balcão trabalhando aí chega um cara de moto e aí me mata.

Entrevistadora: Se você quisesse um emprego hoje, em que lugar da cidade procuraria? Entrevistado: Ah, só no Rio, outro estado, porque dá muito problema. Porque é você de um lado e outra gente querendo bater em você porque você é do outro lado.

A rixa entre traficantes e suas implicações nos territórios da cidade se expressa no período dos desfiles carnavalescos. Na favela Baleeira há uma escola de samba, chamada Juventude da Baleeira que conta com a participação de jovens, e a favela Tira Gosto apóia o bloco de seu bairro, chamado Ururau da Lapa. Os desfiles, até três anos atrás, eram realizados em uma avenida da cidade, bem próxima ao centro, no limite entre os territórios de domínio das duas favelas. Segundo moradores da Baleeira, até então, os moradores das duas favelas participavam e assistiam ao carnaval. Diversas brigas aconteciam entre eles, mas os dois grupos nunca deixaram de participar. Entretanto, os dois últimos desfiles foram deslocados para uma

⁶⁵ De acordo com as percepções de alguns jovens que moram no local, mas não “trabalham” para o tráfico, ser morador de favela “atrapalha” a obtenção de empregos na cidade. Por este motivo, disseram ter que tentar a todo instante se diferenciar do estereótipo de “favelado”, mesmo que o endereço revele o vínculo com o local e atrapalhe a aquisição da vaga. Alguns relataram que preferem os empregos próximos à favela, pois os empregadores já sabem quem eles são, e aceitam contratá-los, o que muitas vezes está associado a salários mais baixos devido a esta condição. Para os jovens, os donos dos estabelecimentos imaginam que “empregar um favelado quer dizer que ele vai gastar menos dinheiro com o pagamento, apesar de poder ter mais problemas porque desconfia a todo tempo que vai ser roubado”.

avenida, mais ampla, em frente à Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF, território sob total domínio da favela Tira Gosto. Desde então, segundo os jovens, a escola de samba da favela Baleeira não participa mais dos desfiles da cidade⁶⁶. Diante do fato, um dos jovens se pronunciou com grande revolta por achar que as instituições públicas estão privilegiando um grupo, em detrimento de outro.

Entrevistadora: E o carnaval, aqui tem carnaval? Entrevistado: Tem, tem. Tem escola de samba. Entrevistadora: Você frequenta? Entrevistado: Não. Entrevistadora: O pessoal aqui vai pro carnaval? Entrevistado: Esse ano eu não sei não. Eles tão meio receado. Ano passado já não foram. Olha só o local onde fizeram o carnaval. É covardia eu acho. Nem pra lá nem pra cá. Eu acho que deveria fazer algo intermediário. Agora vai fazer lá pra que? Só pra um pessoal ir? Aí, quer dizer, a escola de samba daqui já não vai, porque tem um morador querendo ou não que tem receio. Ah, morador não é envolvido, mas vai saber na mente deles lá se eles vão fala que é envolvido ou não é. Se eles vê uma pessoa, um jovem de 25 anos, negão, fortão, batendo bumbo ali, vão achar que é bandido e vão matar e acabou cara.

Diante disto observamos que a forma de organização e atuação dos bandos de traficantes aos quais os jovens entrevistados estão vinculados ultrapassa os limites geográficos da favela. Durante a pesquisa, outros jovens moradores da favela, sem participação nas “*atividades do tráfico*”, me relataram em conversas que conhecem esta dinâmica de conflito entre as favelas, reconhecem os limites à circulação na cidade e também tem receios de circularem nestes territórios, apesar de sempre tomarem os “*devidos cuidados*”⁶⁷, mas disseram que não deixam de frequentar o centro da cidade

⁶⁶ Na mesma avenida encontra-se em processo de construção um espaço chamado de sambódromo, destinado aos desfiles das escolas de samba e blocos da cidade.

⁶⁷ Os cuidados relatados dizem respeito a estarem atentos a presença de jovens que podem ser inimigos, não circularem por determinadas ruas sozinhos e não se vestirem de modo a provocarem a desconfiança de que são moradores de determinada favela, mesmo que isso não implique em cores, marcas ou roupas específicas.

por causa disso. Os rapazes relataram que este problema também se apresenta para as mulheres jovens e que para elas é ainda pior, pois “não sabem se defender direito”. Mas, ao conversar com algumas moradoras, estas disseram que mesmo sabendo das rixas não se sentem afetadas por isto. As esposas dos jovens pesquisados relataram que esta rixa não as impede de freqüentarem quaisquer espaços da cidade. Entretanto, quando saem com seus maridos, estas limitam sua circulação devido à condição destes.

Entretanto, fica claro o sentimento de medo dos jovens envolvidos com o tráfico de drogas quando circulam por territórios da cidade fora do domínio da favela Baleeira. O envolvimento em tal “atividade” também representa a possibilidade de morrer assassinado, pois as situações de confronto são sempre iminentes, e guardam sentidos e moralidades relacionadas às dinâmicas do tráfico.

Entrevistadora: Você tem medo de alguma coisa? Entrevistado: De amanhã ou depois eu morrer e não conseguir criar meu filho.

É o medo, a perseguição, por causa de que eu já perdi vários amigos, que tentaram ter a vida tranqüila e veio um pela saco e já é. Porra mano, na moral, eu tenho medo, ta lá no balcão trabalhando aí chega um cara de moto e aí mata... Pô, sempre vô me sentir com medo mesmo, eu tenho medo mesmo, é muita maldade que tem nesse mundo aí, é muito doido colega, tem gente que chega e mata e não tem medo de cadeia não.

Bem ou mal essa vida aí é cemitério ou cadeia. Sabe esses manos aí (os homens que trabalham em uma obra na rua) eles vão morrer um dia, mas eu aqui mano, se eu ficar nessa vida o máximo que eu vou viver, eu não vou chegar aos vinte e cinco. Posso morrer aqui, ali pros alemão, por um monte de polícia. Já perdi amigo com treze anos.

É renascer da selva, se eu tiver que morrer eu vou morrer mesmo, to nesse mundo de passagem mesmo. Se eu morrer vô morrer malandro, é a vida. Só não quero morrer, tipo assim, como é, num erro, como um sujeito homem. Sô mais morrer na mão de um alemão ou de um PM do que morrer na mão de um amigo, morrer na mão de um amigo é porque vacilô.

Apesar da amizade estabelecida entre os jovens moradores da favela, especialmente aqueles envolvidos com a “*atividade do tráfico*” de drogas, o constante sentimento de ameaça faz com que a relação estabelecida entre eles também seja cercada por atitudes cautelosas, pois “*amigo também mata e dá castigo*”, referindo-se as leis do tráfico que valem para todos, sem distinção. Neste sentido, o medo de morrer perpassa a possibilidade de isto acontecer “*nas mãos de um amigo*”.

Faz-se pertinente salientar o fato do impedimento da continuidade do trabalho de campo, quando, devido à possibilidade de ser considerada “X9”, fui alertada pelo jovem que mantinha contato naquele momento. Este relatou que estava ouvindo muita conversa de “*bandido*”, mesmo de “*amigo*”, por estar sendo visto comigo, uma “*estranha*” que queria “*saber da vida deles*”. O jovem ressaltou que o fato causava um grande risco para mim, mas muito mais para ele que poderia estar sendo visto como o informante também, e que, por mais “*moral*” que tivesse, “*no crime não tem isso, ninguém salva ninguém*”. Como forma de proteção preferiu que nos afastássemos à confiar que os amigos entenderiam a situação de pesquisa.

Segundo Simmel (1979), a extensão da cidade ultrapassa seus limites imediatos, se expressa através dos efeitos totais que um território pode promover nos indivíduos. A cidade é o cenário de uma cultura que extravasa a vida pessoal. Neste cenário, “*coisas e poderes*” podem promover a diferenciação entre os indivíduos e limitar o acesso a determinados espaços. Em Campos esta rivalidade inibe a livre circulação dos jovens envolvidos com o tráfico pela cidade, devido ao medo de serem pegos pelo inimigo, mas perpassa também as relações estabelecidas no próprio território de domínio.

Considerações Finais

Pensar as práticas dos sujeitos das favelas a partir de diferentes categorias, observando suas possibilidades materiais e anseios, abandonando o preconceito e a generalização, faz-se pertinente para toda pesquisa desenvolvida sobre a cidade. Este trabalho, ao focalizar os jovens em ato, ou seja, em suas atividades práticas de venda de drogas numa favela da cidade de Campos dos Goytacazes, torna-se de extrema relevância para a

compreensão das especificidades das vivências destes jovens e suas opções de sociabilidade diante das condições locais as quais estão expostos.

As entrevistas e conversas com os jovens traficantes de drogas da favela Baleeira evidenciaram as limitações quanto ao uso dos diferentes espaços públicos que conformam o cenário citadino por parte destes jovens, que limitam sua participação e domínio a territórios mais restritos, sob domínio da favela da qual fazem parte (SIERRA, 2004). Os jovens envolvidos com o tráfico de drogas sentem medo de freqüentar os territórios fora de seu domínio, devido à possibilidade de sofrer algum dano físico quando neles presentes, fruto de confronto com o grupo rival. Este medo é suficiente para que os jovens moradores da favela Baleeira envolvidos com o tráfico não ultrapassem o limite territorial imposto pelo tráfico e naturalizem a circulação restrita ao território da favela. Esta é positivada e valorizada pelos mesmos como o melhor lugar que conhecem para se viver, pois é onde possuem suas principais redes de relações sociais, não sofrem preconceitos e possuem total domínio sobre seus espaços, onde podem circular com mais liberdade.

Demonstrou-se que a dominação territorial exercida pelo tráfico de drogas é o “vetor” que impede que os jovens, principalmente os envolvidos com esta atividade, “*se beneficiem da liberdade básica de ir e vir e do direito de movimentar-se livremente pela cidade*” (CECCHETTO & FARIAS, 2008). Por mais que estes jovens sofram e imponham esta limitação a si próprios e aos seus pares, também traficantes, há uma legitimação e perpetuação desta dominação, evidenciada no discurso de jovens, que não vivenciaram a situação que deu início a briga entre as favelas e posterior domínio de territórios da cidade.

Para estes jovens, estigmatizados e invisibilizados pela sociedade, o tráfico apresenta-se como uma importante rede de sociabilidade, além de trazer outros benefícios como o dinheiro fácil e a possibilidade de consumo de alguns bens antes inacessíveis. Mais do que isso, ao assumirem importantes papéis na escala do tráfico, expresso principalmente através da autorização de uso de arma de fogo no momento de trabalho na “boca”, fato impensável para

outros moradores da favela, estes jovens adquirem reconhecimento e prestígio, ainda que somente no território sob domínio de seu grupo.

A convivência cotidiana com os moradores da favela Baleeira enquanto moradora do local e posteriormente como pesquisadora foi de fundamental importância para o entendimento do “*mosaico*” (BECKER, 1999) em que se configura esta favela, um espaço riquíssimo em detalhes e significados. Entretanto, minha aproximação com o objeto de pesquisa implicou em uma extrema dificuldade de estranhamento do campo. Diversas vezes fui advertida por minha orientadora e por outros colegas pesquisadores sobre a forma como falava e escrevia sobre o meu objeto, de forma a naturalizar as expressões e práticas dos jovens. Este trabalho expressa, para além dos objetivos aos quais ele se destina, um árduo trabalho de entranhamento de um campo multidimensional.

O discurso presente no senso comum considerava como impossível a realização de tal trabalho por uma mulher devido à maior possibilidade de sofrer qualquer tipo de violência por ser mais “*fragil*” ou por me tornar “*objeto de desejo*” dos jovens. Entretanto, ser homem poderia implicar em outras limitações que não vivi. O que objetivo demonstrar é que, mesmo na condição de mulher e todas as limitações derivadas disto, o trabalho pôde se realizar. Neste sentido, faz-se pertinente a continuidade de estudos sobre a temática para o aprofundamento dos estudos sobre criminalidade e formas de sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes, enquanto questões sócio-antropológicas de extrema relevância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- ALVES, Heloiza de Cássia Manhães. *A Sultana do Paraíba: reformas urbanas e poder político em Campos dos Goytacazes (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 2007.
- BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. *Um Abraço para Todos os Amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: Editora EDUFF, 1998.
- BARKER, Gary Thomas. *Homens na Linha de Fogo: juventude, masculinidade e exclusão social*. Tradução de Alexandre Arbex Valadares. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- BECKER, Houward S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- BIRMAN, Patrícia. Favela é Comunidade? In: MACHADO DA SILVA, Luis Antonio (Org.). *Vida Sob Cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BURGOS, Marcelo Baumann. *Cidade, Territórios e Cidadania*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 18, nº 1, 2005, pp. 189 a 222.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e Estilos de Masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CECCHETTO, Fátima & MONTEIRO, Simone. Cor, Gênero e Classe: dinâmicas da discriminação entre jovens de grupos populares cariocas. Cadernos Pagu (32), janeiro-junho de 2009, 301-329.
- CECCHETTO, Fatima & FARIAS, P. Tu mora onde? Território e produção de subjetividade no espaço urbano carioca. In: Sandra de Sá Carneiro. (Org.). *Cidade: Olhares e Trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

- DIAS, Edna Cardoso. Inconstitucionalidade e Ilegalidade das Rinhas de Galo. JusNavigandi, 2004. Disponível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6103> Último acesso: 13 de agosto de 2010.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Entrevista com Isaac Joseph para o BIB por Lícia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. Disponível em: <http://lemetro5.blogspot.com/2005/08/entrevista-com-isaac-joseph-para-o-bib.html> Último acesso: 12 de julho de 2010.
- FEITAL, Renata. “Agora...me fala da tua vida – Um estudo das relações familiares entre grupos de baixa renda no Rio”. Projeto de Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.
- FERNANDES, Fernando Lannes. *Violência, medo e estigma. Efeitos sócio-espaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- FOOT-WHYTE, William. Treinando a Observação Participante. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando Máscaras Sociais*. São Paulo: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1990.
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GUIMARÃES, Berenice Martins & POVOA, Fabiana Machado Rangel. *Formação e Evolução das Favelas em Campos dos Goytacazes*. Relatório de Pesquisa UENF/CCH/LESCE: dezembro, 2005.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/> Último acesso: 27 de julho de 2010.

JOSEPH, Isaac. *Paisagens Urbanas, Coisas Públicas*. Caderno CRH, Salvador, nº 30/31, p. 11-40, jan./dez. 1999.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEPOUTRE, David. Cultura Adolescente de Rua nos Grandes Conjuntos Habitacionais Suburbanos. In: MORIN, Edgar. *A Religião dos Saberes. O desafio do século XXI*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

LIMA, Lana Lage da Gama. *As Práticas de Administração de Conflitos de Gênero no Cotidiano das Delegacias de Polícia*. Dimensões. Revista de História da Ufes. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº. 22, julho-dezembro 2009.

_____. *As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Rio de Janeiro: uma análise de suas práticas de administração de conflitos*. In: Nader, Maria Beatriz e LIMA, Lana Lage da Gama - Família, Mulher e Violência, Vitória, EDUFES, 2007.

LIMA, Lana Lage da Gama & SOUZA, Suellen André de. *Representações de Gênero e Atendimento Policial a Mulheres Vítimas de Violência*. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis – PPGICH/ Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MACHADO DA SILVA, Luis Antonio. Violência Urbana, Sociabilidade Violenta e Agenda Pública. In: MACHADO DA SILVA, Luis Antonio (Org.). *Vida Sob Cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Cidadania, Democracia e Justiça Social. In: *Rio: A Democracia Vista de Baixo*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004a.

- _____. Sociabilidade Violenta: uma dificuldade a mais para a ação coletiva nas favelas. In: *Rio: A Democracia Vista de Baixo*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004b.
- MACHADO DA SILVA, Luis Antonio & LEITE, Márcia Pereira. Favelas e Democracia: temas e problemas da ação coletiva nas favelas cariocas. In: *Rio: A Democracia Vista de Baixo*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004.
- MACHADO DA SILVA, Luis Antonio; LEITE, Márcia Pereira & FRIDMAN, Luis Carlos. *Matar, Morrer, "Civilizar": o "problema da segurança pública"*. Mapas: monitoramento ativo da participação da sociedade. Relatório do Projeto. Dezembro de 2005.
- MISSE, Michel. *O "Movimento" – a consolidação das redes de varejo de tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. III Simpósio Internacional sobre as Toxicomanias, NEPAD/UERJ, 2000.
- _____, Michel. *Violência: o que foi que aconteceu?* Jornal do SINTURF, ano XVII, nº 529, 2002.
- NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Editores Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. Sobre a Adesão Juvenil as Redes de Criminalidade em Favelas. In: MACHADO DA SILVA, Luis Antonio (Org.). *Vida sob Cerco. Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.
- PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: *O Fenômeno Urbano*. Otávio Guilherme Velho (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- PESSANHA, Roberto Moraes (Coord.). *Favelas/Comunidades de Baixa Renda no Município de Campos dos Goytacazes*. Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense. N° 5, agosto, 2001.

- PIQUET, Rosélia (Org.). *Textos Apresentados no Seminário Acumulação e Pobreza em Campos: uma região em debate*. Rio de Janeiro, PUBLIPUR/UFRJ, Série Monográfica nº 3: 1986.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.
- SIERRA, Vânia Morales. *A Judicialização da Infância: o processo de implantação e execução do Estatuto da Criança e do Adolescente nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Maricá*. Projeto de Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- SIMMEL, George. A Natureza Sociológica do Conflito. In: FILHO, Evaristo de Moraes. *Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. A Metrópole e a Vida Mental. In: *O Fenômeno Urbano*. Otávio Guilherme Velho (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.
- _____. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SOUZA, Suellen André de. *Vivências Juvenis e Criminalidade na Favela Baleeira em Campos dos Goytacazes*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação. Campos dos Goytacazes: UENF, 2007.
- VALLADARES, Licia do Prado. *A invenção da favela. Do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- _____. *A Gênese da Favela Carioca: a produção anterior as Ciências Sociais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, nº 44, 2000.
- _____. Estudos Recentes sobre Habitação no Brasil: resenha da literatura. In: VALLADARES, Lícia (Org.). *Debates Urbanos 3: Repensando a Habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ANEXOS

ANEXO 1

Tabela: Favelas em Campos - homens/mulheres; domicílios ocupados e relação população/domicílios ocupados.

Favelas de Campos dos Goytacazes																
BAIRROS	FAVELAS	1991					1996					2000				
		Homem	Mulher	Total	Dom. Ocup.	Pop/Dom.Ocup.	Homem	Mulher	Total	Dom. Ocup.	Pop/Dom.Ocup.	Homem	Mulher	Total	Dom. Ocup.	Pop/Dom.Ocup.
Aeroporto	Aeroporto/ Bonsucesso	650	646	1.296	299	4,33	346	366	712	180	3,96	415	419	834	226	3,69
	Escola Urubu(1º distrito)	12	12	24	6	4,00	278	268	546	124	4,40	163	162	325	102	3,19
Caju	Baleeira	466	462	948	214	4,43	320	320	640	139	4,60	206	224	430	123	3,50
	Ilha do Cunha	457	462	919	230	4,00	445	497	942	231	4,08	299	310	609	182	3,35
	Oriente	443	462	905	219	4,13	297	320	617	148	4,17	262	273	535	164	3,26
	Presidente Vargas	128	161	289	63	4,59	111	163	274	68	4,03	96	113	209	59	3,54
Nova Campos	Av. Central	122	130	252	59	4,27	104	115	219	50	4,38	121	137	258	71	3,63
Donana	Santa Luzia	295	261	556	142	3,92	208	298	506	95	5,33	144	143	287	86	3,34
Fundão	Aldeia	579	547	1.126	238	4,73	1.058	991	2.049	481	4,26	964	921	1.885	533	3,54
	Fundão	165	165	330	88	3,75	149	165	314	88	3,57	57	65	122	39	3,13
Goytacazes	Estrada do Carvão	84	81	165	34	4,85	109	92	201	47	4,28	115	101	216	53	4,08
	Goytacazes/Canema	59	77	136	33	4,12	52	62	114	31	3,68	37	35	72	17	4,24
Jardim Carioca	Bariri/Madureira	61	52	113	24	4,71	173	159	332	78	4,26	173	158	331	90	3,68
	Fofoca	375	408	783	181	4,33	491	522	1.013	241	4,20	429	418	847	257	3,30
	Lagoa do Vigário	437	479	916	229	4,00	445	462	907	250	3,63	469	515	984	346	2,84
Lapa	Inferno Verde	128	100	228	62	3,65	128	105	233	51	4,57	113	97	210	61	3,44
	Matadouro	418	409	827	211	3,92	344	361	705	183	3,85	403	395	798	247	3,23
	Patronato	190	174	364	78	4,67	167	175	342	84	4,07	32	35	67	15	4,47
	Risca – Faca	204	229	433	93	4,66	140	173	313	68	4,60	224	222	446	127	3,51
	Siqueira e Silva	314	313	627	151	4,15	62	65	127	38	3,34	174	199	373	91	4,10
	Tira – Gosto	115	141	256	63	4,06	97	109	206	50	4,12	74	87	161	48	3,35
P. Bela Vista	Bela Vista	74	81	155	35	4,43	79	91	170	40	4,25	73	75	148	38	3,89
P. Prazeres	P. Prazeres	400	427	827	177	4,67	379	532	911	186	4,90	189	217	406	105	3,87
P. Pres.Vargas	Farofa	75	67	142	35	4,06	91	103	194	53	3,66	62	73	135	38	3,55
P. Rui Barbosa	Estrada do Carvão	247	246	493	100	4,93	168	162	330	71	4,65	197	209	406	111	3,66
P. Santa Helena	Palestra	237	242	479	106	4,52	175	185	360	94	3,83	100	115	215	67	3,21
P. São Mateus	São Mateus	305	312	617	148	4,17	318	337	655	165	3,97	381	396	777	213	3,65
P.Visc.Ururá	Chatuba	281	270	551	119	4,63	320	307	627	150	4,18	291	284	575	165	3,48
Travessão	Escola Urubu	90	84	174	43	4,05	121	114	235	51	4,61	120	121	241	75	3,21
Ururá	Ilha de Ururá	180	167	347	85	4,08	617	620	1.237	297	4,16	400	455	855	245	3,49
	Margem da Linha	1.508	1.507	3.015	643	4,69	1.657	1.649	3.306	780	4,24	1.379	1.353	2.732	746	3,66
	Rio Ururá	81	82	163	32	5,09	85	81	166	38	4,37	191	196	387	102	3,79
TOTAL		9.178	9.276	18.454	4.240	4,35	9.534	9.969	19.503	4.650	4,19	8.353	8.523	16.876	4.842	3,49

Tabela 1: Favelas em Campos - homens/mulheres; domicílios ocupados e relação população/domicílio ocupado.

Fonte: GUIMARÃES & POVOA, 2005; PESSANHA, 2001.

ANEXO 2

Tabela: Evolução dos Domicílios Ocupados nas Favelas de Campos dos Goytacazes

Evolução dos domicílios ocupados nas Favelas de Campos dos Goytacazes					
BAIRROS	FAVELAS	1996	2000	Evolução dos Domicílios	
		Domicílios Ocupados	Domicílios Ocupados	Percentual	Nº Absolutos
Aeroporto	Aeroporto/ Bonsucesso	180	226	25,56	46
	Escova Urubu (1º distrito)	124	102	-17,74	-22
Caju	Baleeira	139	123	-11,51	-16
	Ilha do Cunha	231	182	-21,21	-49
	Oriente	148	164	10,81	16
	Presidente Vargas	68	59	-13,24	-9
Nova Campos	Av. Central	50	71	42,00	21
Donana	Santa Luzia	95	86	-9,47	-9
Fundão	Aldeia	481	533	10,81	52
	Fundão	88	39	-55,68	-49
Goytacazes	Estrada do Carvão	47	53	12,77	6
	Goytacazes/Canema	31	17	-45,16	-14
Jardim Carioca	Barini/Madureira	78	90	15,38	12
	Fofoca	241	257	8,64	16
	Lagoa do Vigário	250	346	38,40	96
Lapa	Inferno Verde	51	61	19,61	10
	Matadouro	183	247	34,97	64
	Patronato	84	15	-82,14	-69
	Risca – Faca	68	127	86,76	59
	Siqueira e Silva	38	91	139,47	53
	Tira – Gosto	50	48	-4,00	-2
P. Bela Vista	Bela Vista	40	38	-5,00	-2
P. Prazeres	P. Prazeres	186	105	-43,55	-81
P. Pres.Vargas	Farofa	53	38	-28,30	-15
P. Rui Barbosa	Estrada do Carvão	71	111	56,34	40
P. Santa Helena	Palestra	94	67	-28,72	-27
P. São Mateus	São Mateus	165	213	29,09	48
P.Visc.Ururai	Chatuba	150	165	10,00	15
Travessão	Escova Urubu	51	75	47,06	24
Ururai	Ilha de Ururai	297	245	-17,51	-52
	Margem da Linha	780	746	-4,36	-34
	Rio Ururai	38	102	168,42	64
TOTAL		4.650	4.842	4,13	192

Fonte: GUIMARÃES & POVOA, 2005; PESSANHA, 2001.

ANEXO 3

MAPA DAS RUAS QUE COMPÕEM A FAVELA BALEEIRA



Fonte: Google Maps

ANEXO 4

Polícia impede execução na Ilha do Cunha, no Caju



Depois de resgatado, Jonathan Guedes registrou caso na delegacia Telmo Filho

Um homem foi salvo pela Polícia Militar (PM) após ter sido sequestrado por vários bandidos armados e mantido em cárcere privado em um chiqueiro, no interior da Favela Ilha do Cunha, em Campos, na tarde de ontem. Segundo policiais, que chegaram ao local através de denúncia anônima, a vítima foi encontrada amordaçada e com os pés e as mãos amarrados com fita crepe. Para os militares, Jonathan Guedes Marins, 27 anos, seria executado a tiros por bandidos do tráfico local.

De acordo com a polícia, através do depoimento de Jonathan, ele estava caminhando próximo a Ilha do Cunha quando foi surpreendido pelos suspeitos que estavam a pé. Um deles perguntou onde ele morava. Ao responder ser morador do Parque Guarus, Jonathan foi sequestrado sob ameaça de morte. O rapaz chegou a ser agredido pelos bandidos.

Para os policiais, os homens, que fugiram ao avistar as viaturas da PM, pertencem a uma facção criminosa e Jonathan é morador de um bairro comandado por facção rival. A vítima informou já ter passagem pela polícia por porte ilegal de arma, cuja informação não foi confirmada pela polícia até o fechamento desta edição. O caso foi registrado na 134ª Delegacia Legal (DL/Centro).

Fonte: <http://www.odiarionews.net/wordpress/policia/policia-impede-execucao-na-ilha-do-cunha-no-caju/>

ANEXO 5

Polícia Militar

A Polícia Militar também realizou uma operação contra o tráfico de drogas e apreendeu, na tarde desta segunda-feira (29/03), 50 trouxinhas de maconha, 62 papelotes de cocaína e 55 pedras de crack. O material foi apreendido no beco principal da favela Baleeira, no bairro da Pecuária, em Campos, por policiais do Patamo II. Com a chegada da Polícia, várias pessoas correram e ninguém foi preso. O caso foi encaminhado para investigação na 134ª Delegacia Legal (DL/centro).

Fonte: http://www.ururau.com.br/cidades4635_REPRESSÃO_ÀS_DROGAS_Policias_Federal_e_Militar_atuaram_em_Campos

ANEXO 6

CERCO AO TRÁFICO Policiais Militares estão em operação na Baleeira



A operação da Polícia Militar não tem hora para acabar

A luta da Polícia Militar pelo combate ao tráfico de drogas levou duas equipes do 8º Batalhão de Polícia Militar (BPM/Campos) à favela Baleeira, no Bairro do Caju, em Campos, na noite desta terça-feira (06/04). Homens dos Grupos de Ações Táticas (GATs I e III) cercaram a favela e, no início da operação, às 22h, apreenderam drogas e uma arma.

Com a chegada da Polícia, traficantes correram abandonando materiais ilícitos como drogas e armas. A Polícia conseguiu apreender uma Pistola, calibre 380 milímetros com oito munições intactas, 100 pedras de crack e 50 papelotes de cocaína. Após apreensão, os policiais continuaram a perseguição aos traficantes, realizando cercos em vielas e barracos.

O objetivo dos policiais é prender envolvidos no tráfico de drogas e apreender mais materiais.

Confira novas informações da operação policial dentro de instantes aqui no Ururau.

Fonte: http://www.ururau.com.br/destaque1316_CERCO_AO_TRÁFICO_Policiais_Militares_estão_em_operação_na_Baleeira

PM apreende drogas e arma na comunidade da Baleeira

Cem pedras de crack (50 gramas) e mesma quantidade de cocaína, além de uma pistola calibre 3870, com nove munições intactas foram apreendidos na noite de terça-feira, na comunidade da Baleeira, em Campos. Nessa ação policiais dos Grupos de Ações Táticas (GATs I e II) cercaram a favela e surpreenderam um grupo demoradores que se espalhou fugindo ao avistarem a aproximação das guarnições. Ninguém foi preso.

Fonte: <http://www.fmanha.com.br/#1219359808/1270661620>

PM apreende armas e drogas em ações distintas em Campos

Ações simultâneas da Polícia Militar nas comunidades da Baleeira e no Parque São Mateus, em Guarus apreenderam duas armas, munições, drogas e material que seria oriundo de furtos, além de um rádio de comunicação. Cinco pessoas foram conduzidas para as delegacias do município. As operações aconteceram na manhã desta quarta-feira

Por volta das 11h policiais do Grupo de Ações Táticas (Gat) em incursão na comunidade da Baleeira teriam flagrado a movimentação suspeita de um grupo de pessoas que ao avistar a guarnição fugiu entre os becos da favela. Durante perseguição e revista no local, por onde os suspeitos passaram em fuga, foram apreendidos 67 sacolés de cocaína, 50 trouxinhas de maconha, quatro pedras crack, um rádio transmissor, um revólver calibre 22. Dois homens foram conduzidos a 134ª Delegacia de Polícia (Centro) prestaram depoimento e foram liberados.

Fonte: <http://www.fmanha.com.br/#1219359808/1279140649>

MACONHA, CRACK E COCA Polícia apreende drogas e prende suspeito



Paulo ainda tentou esconder a droga

Paulo Vasconcelos, 34 anos, foi detido neste domingo (09/05), na Ilha do Cunha, em Campos, com oito pedras de crack, 10 papélotes de cocaína, 11 buchas de maconha e R\$ 70,00 em dinheiro. Ao perceber a aproximação da Polícia, o suspeito tentou esconder a droga, mas acabou sendo pego em flagrante. Esta foi a terceira apreensão feita pela Polícia Militar neste mesmo local em uma semana. Paulo foi autuado por tráfico na 134ª Delegacia Legal, no Centro e encaminhado a Casa de Custódia Dalton Castro, onde deve permanecer a disposição da Justiça.

Fonte: http://www.ururau.com.br/cidades5121_MACONHA,_CRACK_E_COCA_Polícia_apreende_drogas_e_prende_suspeito

OCORRÊNCIAS POLICIAIS Desmanche, carro recuperado e drogas na Baleeira



Polícia está investigando os dois casos

O Fiat Uno, branco, KRC 0662 (RJ) roubado há cerca de duas semanas perto do Cefet, em Campos foi recuperado, na noite desta terça-feira (06/04), próximo ao DPO de Tocos.

Bruno Cabral da Silva, 23 anos, dirigia o carro e alegou que estava emprestado com ele. Ele não ficou preso.

Desmanche - A Polícia de São Fidélis localizou na cidade um local de desmanche de veículos, em uma oficina, na Rua Santo Amaro, distrito de Cristo Rei, no bairro de Ipuca, nesta madrugada.

Ninguém foi preso. O proprietário do ferro velho, Elipes Cortes Nogueira e seu filho, Reinaldo Fernandes Nogueira não foram encontrados. Segundo a Polícia, eles respondem por outros crimes como roubo e receptação de carros roubados. Os dois estavam presos e foram soltos a cerca de um mês.

Todo material foi periciado. Foram encontrados dois carros e diversas peças de veículos roubados como motores, placas, latarias e pneus.

Baleeira - A luta da Polícia Militar pelo combate ao tráfico de drogas levou duas equipes do 8º Batalhão de Polícia Militar (BPM/Campos) à favela Baleeira, no Bairro do Caju, em Campos, na noite desta terça-feira (06/04). Homens dos Grupos de Ações Táticas (GATs I e III) cercaram a favela e, no início da operação, às 22h, apreenderam drogas e uma arma.

Com a chegada da Polícia, traficantes correram abandonando materiais ilícitos como drogas e armas. A Polícia conseguiu apreender uma Pistola, calibre 380 milímetros com oito munições intactas, 100 pedras de crack e 50 papelotes de cocaína. Após apreensão, os policiais continuaram a perseguição aos traficantes, realizando cercos em vielas e barracos. Mas ninguém foi preso.

O objetivo dos policiais era prender envolvidos no tráfico de drogas e apreender mais materiais. O caso foi apresentado para investigação na 134ª Delegacia Legal do Centro.

Fonte: http://www.ururau.com.br/cidades4727_OCORRÊNCIAS_POLICIAIS_Desmanche,_carro_recuperado_e_drogas_na_Baleeira

ANEXO 8

Segurança para o Cemitério do Caju

O diretor de Planejamento da Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos (Codemca), Romes Araújo, enviou ontem ofício aos comandantes da Guarda Civil Municipal, capitão Francisco Balbi e do 8º Batalhão da Polícia Militar, coronel Mário Pinto, solicitando mais policiamento na área do Cemitério do Caju para inibir a ação de vândalos que vêm depredando e violando túmulos.

O pedido feito à Guarda Municipal é de reforçar o policiamento na área durante o dia e ao 8º BPM o reforço à noite. Segundo Araújo, o alvo são as imagens de bronze e garante que esse é o grande problema vivido no cemitério. “Não temos como coibir os roubos se não houver o reforço no policiamento da Polícia Militar”, disse, acrescentando que nas últimas duas semanas tem buscado entendimento com a comunidade da Baleeira para diminuir a incidência dos furtos.

A Guarda Municipal liberou mais 10 homens para a área. Segundo o coronel Mário Pinto, no final da tarde de ontem, ele ainda não havia recebido o ofício, mas adiantou que a PM tem atuado “intensamente” na área através do Posto de Policiamento Comunitário (PPC) instalado na Baleeira. Para o promotor de Justiça Marcelo Lessa a situação é desagradável. Segundo ele, o Ministério Público, há dois anos, abriu um inquérito civil público para apurar a violação e depredação de túmulos e conseguiu o PPC e obra no muro.

Na manhã de domingo, a equipe do jornal **A Hora** acompanhou o aposentado Augusto Bessa, 82, filho do médico e ex-vereador de Campos, Alcindor de Moraes Bessa. Do jazigo da família e de outros sepulcros, foram furtadas alças, molduras e letras. Todo material de bronze, que uma vez derretido chega a ser vendido por R\$ 6 o quilo.

Fonte: <http://www.campos.rj.gov.br/noticia.php?id=5175>

ANEXO 9

Gangues e pânico no Centro

No melhor estilo do Rio de Janeiro, o centro de Campos presenciou na tarde de ontem, momentos de pânico e correria provocados por brigas entre facções da Tira- Gosto e Baleeira. Os locais do enfrentamento foi a nova Praça São salvador, o Campos Shopping e ruas próximas. Na confusão, a Polícia Militar fechou todas as entradas do shopping com viaturas e cerca de 20 policiais para evitar a fuga das gangues. Com apoio de mais 10 homens da guarda municipal, foram vasculhados todos os pavimentos, quando foram encontrando oito suspeitos escondidos no estacionamento. Outros dois foram detidos por populares enquanto fugiam pela Rua Lacerda Sobrinho.

Os policiais foram acionados pela direção do Navegar é Preciso, informando que um grupo da favela Baleeira se encontrou com outro da Tira-Gosto na praça São Salvador e resolveram se enfrentar por volta das 15h em pleno Centro da cidade. Na confusão, as gangues se agrediram, usando pedras e socos e pontapés, o que chegou até a atingir as vidraças na unidade do Navegar é Preciso, no prédio do Edifício Cidade de Campos.

Com a chegada da polícia, os vândalos correram para o Campos Shopping para se esconderem, o que causou mais um dano na vitrine de uma loja do segundo piso, que não quis registrar ocorrência policial, além de deixar os clientes do shopping apavorados.

Quem estava andando pela Praça São Salvador teve sua atenção tomada pelo número de sirenes de carros de polícia que se dirigiram para frente do Campos Shopping, numa situação atípica em Campos.

De acordo com a Polícia, ainda foi feito um chamado para a Praça da República, localizada atrás da Rodoviária antiga, de que também estava havendo o mesmo problema, mas não foi confirmado. Segundo a PM, dos dez jovens detidos, metade é menor de idade e nada ilícito foi encontrado em poder

deles. Um representante do Navegar é Preciso esteve na 134ª Delegacia de Polícia para registrar ocorrência e fazer o reconhecimento dos detidos. De acordo com a PM, se um dos detidos for reconhecido pela vítima, poderá ser autuado por dano em patrimônio público.

Fonte: Jornal "Monitor Campista" em 17 de maio de 2005.